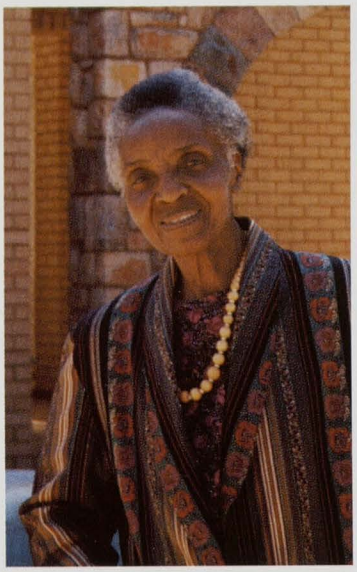
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1995



A LIAHONA

MARÇO DE 1995



Na Capa:
Júlia Mavimbela exibe seu vestido zulu tradicional. Na última capa ela se encontra em frente ao Templo de Johannesburgo África do Sul, onde é oficiante. A história da conversão de Júlia à Igreja e sua vida de serviço dedicado à comunidade é narrada em "Júlia Mavimbela", na página 42. (Fotografia de C.I. Rex Van Coller.)

Capa da Seção Infantil:
Marau Brothers, de nove anos de idade, vive no Taiti, uma linda ilha no Pacífico Sul. Sua vida tornou-se ainda mais bela por compartilhar o evangelho de Jesus Cristo com a família e os amigos. Ver "Fazendo Amigos", página 2. (Fotografia de Vivian Paulsen.)

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A ORAÇÃO DA FÉ PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

MEU PRIMEIRO LIVRO EM ITALIANO
SALVATORE FLORE E WOLFGANG HIEMER 8

NECESSIDADES INFINITAS E RECURSOS LIMITADOS
ÉLDER GLENN L. PACE 16

A VISTA DO ÔNIBUS ESPACIAL 29

PALAVRAS QUE AQUECEM
SARA BROWN NEILSON 30

AS IMAGENS USADAS PELO MESTRE JAY M. TODD 32

INCIDENTE NA ILHA ROBINSON CRUSOÉ
PATRICIA COVARRUBIAS SOLAR 40

JÚLIA MAVIMBELA DALE LEBARON 42

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

CICLO TAITIANO JANET THOMAS 10

QUEM PRECISA MUDAR? TERESA HUNSAKER 24

NOSSA FAMÍLIA ETERNA BERENICE BERUBEN MODAD 26

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: MAIS FÉ EM MEU SALVADOR, MAIS CONFIANÇA NO SENHOR 25

SESSÃO INFANTIL

FAZENDO AMIGOS: MARAU BROTHERS, DE PAPEETE, TAITI
VIVIAN PAULSEN 2

EXPLORANDO: 150 ANOS NO PARAÍSO VIVIAN PAULSEN 4

PARA OS AMIGUINHOS: REVERÊNCIA NA PRIMÁRIA 7

TEMPO DE COMPARTILHAR: CREIO EM GUARDAR OS MANDAMENTOS
KAREN LOFGREEN 8

HISTÓRIAS DA BÍBLIA ÉLDER DALLIN H. OAKS 10

SÓ PARA DIVERTIR 12

FICÇÃO: ISAÍAS E A MÁQUINA DO TEMPO
PATRICIA WARNOCK 13

MARÇO DE 1995, Vol. 19, nº 3
A LIAHONA, 95983 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:
Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.
Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 9,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 0,75**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.
Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.
The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.
Printed in Brazil
POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

EXEMPLOS VIVOS

Não me lembro de ter ficado mais emocionado nos últimos anos do que quando li a história sobre os membros da Igreja na África na edição de maio de 1994 de *A Liahona* (português). Chorei de emoção ao ler a respeito dos sonhos que os inspiraram a buscar o evangelho e perseverar nele a despeito das inúmeras dificuldades que tiveram de enfrentar. Os membros na África são, para mim, exemplos vivos.

Elson Carlos Ferreira
Ala Curitiba Quatro
Estaca Curitiba Iguaçu Brasil

OBRIGADO PELA NOVA REVISTA

Os membros daqui gostam muito da nova revista em tcheco, *Liahona*. Ela enriquece-os espiritualmente e ajuda no trabalho missionário. Obrigado por incluir as canções da Primária na revista e pelo apoio que dão a nossos santos.

Radovan Čaněk
Tradutor da Igreja
Vrchlabí, República Tcheca

Nota do Editor: A Liahona (tcheco) é uma das revistas trimestrais da Igreja, cuja publicação teve início em junho de 1993. As outras duas são em húngaro e russo. A revista em búlgaro teve início em março de 1994. Nossa próxima edição, abril de 1995, marcará o início da publicação em polonês, romeno, fijiano, das Ilhas Gilbert.

SEMELHANÇAS EM MEIO A DIFERENÇAS

Todos os meses aguardo a revista *Liahona* (espanhol) com ansiedade para ler a Mensagem da Primeira Presidência, as notícias e outros artigos de membros de todo o mundo. Sinto-me ligada a eles por meio da *Liahona*. Vejo que somos filhos do mesmo Pai Celestial, com os mesmos problemas e necessidades. Vejo também que, apesar de diferentes circunstâncias locais, raciais e culturais, podemos ser todos abençoados e felizes por meio do evangelho de Jesus Cristo.

Odelia Junca de Simon
Ramo Mercedes
Distrito Mercedes Argentina

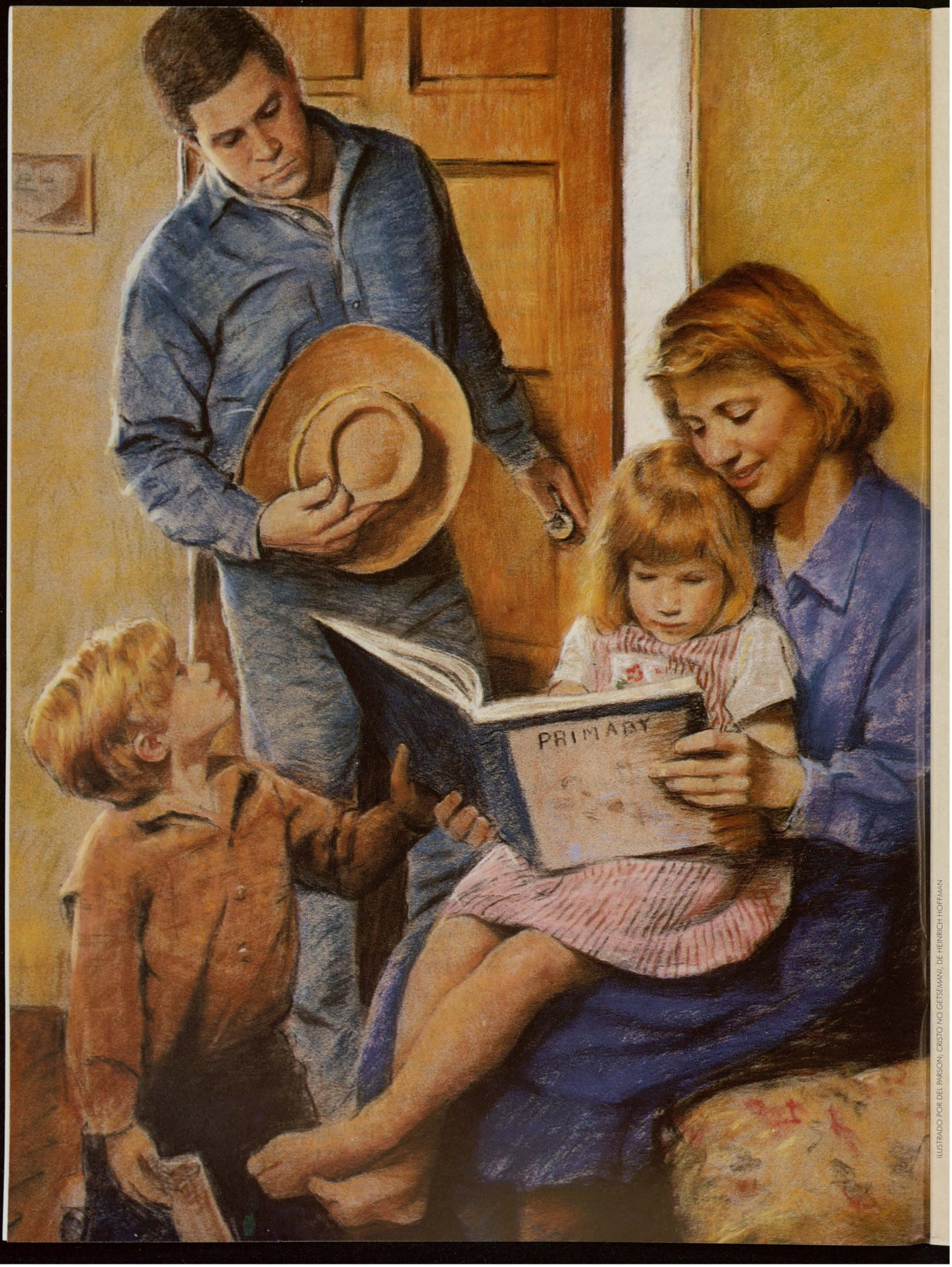
EM MINHA PRÓPRIA LÍNGUA

Fiquei muito grata à presidente da organização das Moças de minha ala por ter-me dado de presente uma assinatura de *Sheng Tu Chih Sheng* (chinês). Mal posso esperar para lê-la todos os meses. Uma vez que não existe um ramo em chinês nas proximidades de onde resido em Long Island, no estado de Nova York, agradeço muito por essa revista, pois por meio dela consigo obter, com mais clareza, um precioso conhecimento do evangelho em minha própria língua. Gosto muito de ler histórias sobre santos corajosos de todas as partes do mundo. A revista tornou-se uma grande força em minha vida.

Peggy Chien
Ala Dois de Plainview
Estaca Plainview Nova York

NOTA DO EDITOR

Convidamos todos a nos mandarem cartas, artigos e histórias. O idioma não é problema. Inclua nome e endereço completos e ala e estaca (ramo e distrito). Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City 84150, USA.



ILUSTRADO POR DEL PARSON; *CRISTO NO GETSEMANÍ*, DE HEINRICH HOFFMAN

A Oração da Fé

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A maior parte das crianças da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem o privilégio de reunir-se, uma vez por semana, com outras da mesma idade nas reuniões da Primária. Há, entretanto, crianças igualmente meigas e preciosas que não têm tanta sorte.

Alguns anos atrás, ao visitar a Austrália, acompanhei o presidente da missão em uma viagem de avião até Darwin, para a cerimônia de abertura da terra da primeira capela da Igreja naquela cidade. Paramos para reabastecer na pequena comunidade mineira de Monte Isa. No terminal, conhecemos uma senhora e seus dois filhos que estavam na faixa etária da Primária. Ela disse que seu nome era Judith Louden e que ela e seus dois filhos eram os únicos membros da Igreja no local. O marido, Richard, não era membro. Apesar de já estarem na Igreja há quatro anos, nunca haviam morado onde houvesse um ramo organizado da Igreja. Conversamos rapidamente, quando mencionei a importância de realizar-se uma Primária do Lar todas as semanas.



Mais do que ninguém, Jesus nos ensinou a razão e a maneira de orar. Uma mãe australiana e seus filhos oraram para que o Senhor reunisse sua família na Igreja.

ILUSTRADO POR DEL PARSON; *CRISTO NO GETSEMANI*, DE HEINRICH HOFFMAN

Prometi-lhe enviar o material necessário para ajudá-la em tal tarefa. Comprometeram-se a orar, reunir-se e perseverar na fé.

Ao retornar à Cidade do Lago Salgado, não somente mandei-lhe os materiais prometidos como também fiz uma assinatura [da revista infantil da Igreja], *The Friend* (O Amigo).

Anos mais tarde, ao participar da Conferência da Estaca Austrália–Brisbane, relatei, em uma reunião do sacerdócio, as dificuldades daquele mulher fiel e seus filhos, dizendo: "Espero algum dia saber como se saiu aquela Primária do Lar e ter a oportunidade de conhecer o marido e pai não-membro daquela família escolhida." Um dos irmãos na congregação levantou-se e disse: "Irmão Monson, sou Richard Louden, marido daquela mulher e pai daquelas preciosas crianças. A oração e a Primária trouxeram-me para a Igreja."

O poder da oração voltou-me à mente há pouco tempo. Cumpria eu uma designação na bela cidade de Buenos Aires, Argentina. O sol brilhava e seu calor era uma trégua agradável do inverno que eu deixara para trás.

Detive-me no histórico parque Palermo, que embeleza o centro da cidade, e compreendi que aquele era um solo sagrado, pois fora ali que, no dia de Natal de 1925, o Élder Melvin J. Ballard, um Apóstolo do Senhor, dedicara toda a América do Sul para a pregação do evangelho. O cumprimento dessa inspirada oração evidencia-se hoje, ao vermos o crescimento da Igreja na região exceder todas as expectativas!

No mesmo parque, existe uma grande estátua de George Washington, patriarca da independência dos Estados Unidos e seu primeiro presidente. Ao observar a estátua, meus pensamentos voltaram-se para o frio do estado da Pennsylvania, nos Estados Unidos, para outro local histórico onde a oração desempenhou um papel vital—o Vale Forge. Nesse vale, o mesmo Washington conduziu as tropas castigadas pelas batalhas, mal alimentadas e inadequadamente vestidas, a seu acampamento de inverno.

Hoje, no calmo bosque do Vale Forge, existe um grande monumento dedicado a Washington, que o mostra não como um cavaleiro majestoso em seu cavalo nem contemplando o glorioso campo de batalha, mas ajoelhado em humilde oração, implorando ajuda divina ao Deus dos céus. Olhar a estátua faz com que nos lembremos da máxima que afirma: "O homem atinge o máximo de sua estatura quando está de joelhos."

Os homens íntegros, que têm caráter e propósito, sempre reconheceram um poder maior que eles mesmos e procuram, através da oração, ser guiados por esse poder. Tem sido sempre assim. Sempre o será.

Desde o princípio, foi ordenado ao Patriarca Adão: " . . . invocarás a Deus em nome do Filho para todo o sempre." (Moisés 5:8) Adão orou, Abraão orou, Isaque orou, Moisés orou, assim como todos os profetas oraram ao Deus de onde se originou sua força. Como a areia que desce pela ampulheta, gerações de homens nasceram, viveram e morreram. Após uma longa espera, chegou o dia pelo qual os profetas oraram, os salmistas cantaram, os mártires morreram e a humanidade aguardou.

O nascimento daquele bebê em Belém foi de extrema beleza e de um singular significado. Jesus de Nazaré fez com que se cumprisse a promessa. Ele purificou leprosos, devolveu a visão a cegos, abriu ouvidos, penetrou corações, restaurou vidas, ensinou a verdade, salvou a todos. Ao fazê-lo, honrou a Seu Pai e propiciou-nos um exemplo digno de ser imitado. Mais do que qualquer profeta ou líder, Ele mostrou-nos como orar. Quem poderá olvidar a agonia no Getsêmani e a fervorosa oração: " . . . Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia não seja como eu quero, mas como tu queres." (Mateus 26:39) E Sua exortação: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação (. . .)". (Mateus 26:41) E' aí que nos lembramos:



ILUSTRADO POR DEL PARSON

Nossos primeiros pais, Adão e Eva, deram-nos o exemplo de como orar. Eles "invocaram o nome do Senhor. (. . .) Ele deu-lhes mandamentos de que adorassem ao Senhor seu Deus (. . .)". (Moisés 5: 4, 5)

"E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens . . .

Mas tu, quando orares . . . ora a teu Pai que está em oculto; e teu pai, que vê secretamente, te recompensará.

Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;

Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu;

O pão nosso de cada dia nos dá hoje;

E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;

E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre." (Mateus 6:5–6, 9–13)

Esta instrução orientadora tem ajudado almas em conflito a descobrirem a paz pela qual ansiavam fervorosamente e na qual tinham ardorosas esperanças.

Infelizmente, a prosperidade, a abundância, a fama e os elogios fazem com que alguns homens desenvolvam um sentimento de presunção arrogante e abandonem sua propensão a orar. Por outro lado, a inquietação, a tribulação, a doença e a morte derrubam os castelos do orgulho humano e fazem com que os homens se ponham de joelhos para pedir forças ao Altíssimo.

Não sei por que método desconhecido,
Mas isto sei: que Deus responde às orações.
Sei que Ele nos deu Sua Palavra,
Que me diz que a oração é sempre ouvida,
e será respondida, cedo ou tarde.
E assim, oro, e calmamente espero.
Não sei se a bênção pedida
Virá exatamente como pensei,
Mas deixo minhas orações só com Ele,
Cuja forma de agir é mais sábia que a minha . . .
Certa de que Ele me dará o que pedi,
Ou enviará uma resposta muito melhor.
(Eliza M. Hickock)

A geração atual poderia perguntar: "E em nossos dias? Será que Ele ainda escuta? Será que continua a responder?" Respondo-lhes prontamente: "A exortação do Senhor para que oremos não tem prazo de vencimento. Ao nos lembrarmos Dele, Ele se lembrará de nós."

Na maior parte das vezes, não há bandeiras tremulando nem bandas tocando quando as orações são respondidas. Os milagres realizam-se freqüentemente de um modo calmo e normal.

Há alguns anos, recebi a designação de ir a uma conferência de estaca em Grand Junction, no estado do Colorado. Enquanto o avião voava em círculos sobre o aeroporto, em meio a uma forte nevasca, a voz do piloto anunciou que parecia não ser possível aterrizarmos em Grand Junction e que nos dirigiríamos a um aeroporto alternativo. Sabia que havia sido designado para aquela

conferência por um profeta e orei para que o tempo melhorasse de modo a permitir nosso pouso. De repente, o piloto disse: "Há uma abertura na camada de nuvens. Vamos tentar pousar." Essa declaração é sempre um pouco assustadora para qualquer passageiro de avião.

Aterrizamos em segurança, e a conferência transcorreu normalmente. Fiquei imaginando por que razão havia eu sido designado para aquela conferência. Antes de deixar Grand Junction, o presidente da estaca pediu-me que conversasse com um pai e mãe aflitos, cujo filho havia anunciado a decisão de abandonar o campo missionário, após haver acabado de ali chegar. Depois que os membros se haviam retirado, ajoelhamo-nos calmamente em uma sala fechada — a mãe, o pai, o presidente da estaca e eu. Enquanto eu orava, ouvia os soluços abafados de uma mãe entristecida e de um pai decepcionado.

Ao nos levantarmos, o pai disse: "Irmão Monson, o senhor acha realmente que nosso Pai Celestial pode alterar a decisão de nosso filho de voltar para casa antes de terminar a missão? Por que justamente agora, quando me esforço para fazer todas as coisas corretamente, minhas orações não são ouvidas?" Perguntei-lhe onde seu filho servia. Respondeu-me que o filho era missionário em Dusseldorf, Alemanha. Abracei o pai e a mãe e disse-lhes: "Suas orações foram ouvidas e serão atendidas. Com mais de trinta e oito conferências de estaca realizando-se hoje com a presença de autoridades gerais, fui designado para sua estaca. Dentre todos os irmãos designados para essas conferências, sou o único que recebeu a designação de estar em uma reunião com os missionários da missão Dusseldorf na próxima quinta-feira."

Suas solicitações haviam sido atendidas pelo Senhor. Encontrei-me com o filho deles, que atendeu o pedido dos pais, ficando na missão e terminando-a com muito êxito.

Alguns anos depois, visitei novamente a estaca de Grand Junction e tornei a encontrar-me com o mesmo casal. O pai ainda não se havia qualificado para levar sua grande e bela família ao templo a fim de se selarem como família eterna em uma cerimônia sagrada. Sugeri que, se a família orasse fervorosamente, ele se tornaria digno para fazê-lo. Disse-lhes que me sentiria feliz de acompanhá-los ao templo naquela sagrada ocasião. A mãe pediu, o pai esforçou-se, os filhos insistiram, todos oraram. O resultado? Compartilho convosco trechos de uma preciosa carta que seu jovem filho colocou sob o travesseiro do pai, na manhã do Dia dos Pais.

Papai:

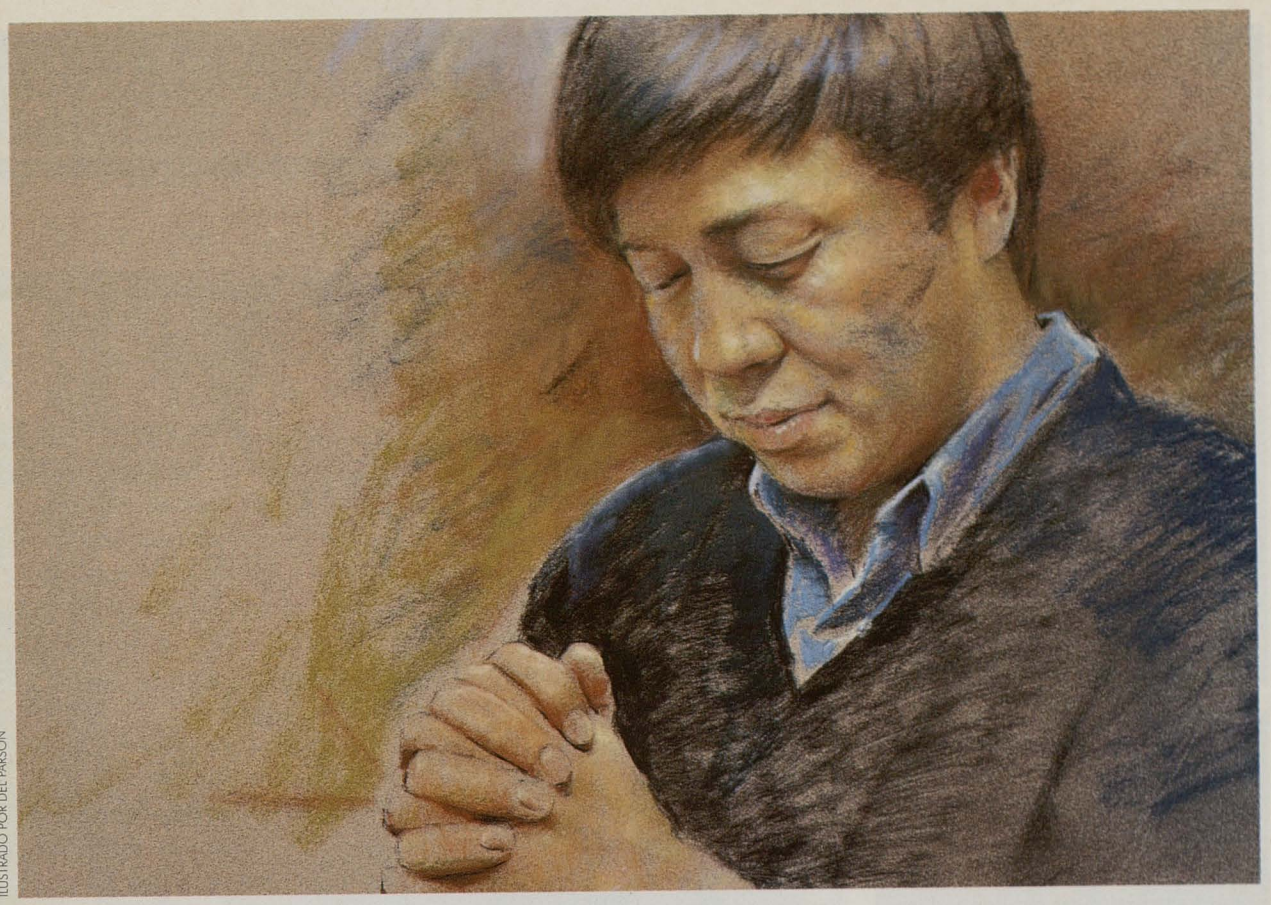
Amo-o pelo que você é, e não pelo que você não é. Por que não pára de fumar? Milhões de pessoas já o conseguiram . . . por que você não consegue? Faz mal a sua saúde, a seus pulmões, a seu coração. Se não guardar a Palavra de Sabedoria não poderá ir para o céu comigo, Skip, Brad, Marc, Jeff, Jeannie, Pam e suas famílias. Nós, os filhos, guardamos a Palavra de Sabedoria. Por que não faz o mesmo? Você é mais forte e é um homem. Papai, quero vê-lo no céu. Todos nós queremos. Queremos ser uma família inteira no céu . . . e não uma família pela metade.

Papai, você e mamãe deveriam arranjar duas bicicletas usadas e começar a dar umas voltas pelo parque todas as noites. Provavelmente está rindo agora, mas em seu lugar eu não riria. Você ri daqueles velhos que ficam correndo no parque, caminhando e andando de bicicleta, mas eles vão viver mais do que você, porque estão exercitando o pulmão, o coração e os músculos. Eles vão rir por último.

Vamos lá, papai, seja um bom menino: não fume, não beba, nem diga coisa alguma contra nossa religião. Queremos vê-lo em nossa formatura. Se deixar de fumar e fizer as coisas boas que fazemos, você e mamãe poderão ir ao templo com o irmão Monson, casar-se e ser selados a nós.

Vamos lá, papai. Mamãe e nós, seus filhos, estamos apenas esperando você. Queremos viver com você para sempre. Nós o amamos. Você é o melhor pai do mundo.

Com amor, Todd.



ILUSTRADO POR DEL PARSON

Alguns talvez perguntem: "E em nossos dias? Será que Ele ainda escuta? Será que continua a responder?" Replico prontamente: "Ao nos lembrarmos Dele, Ele se lembrará de nós."

P.S.1: Se o resto de nós escrevesse uma carta como esta, elas diriam a mesma coisa.

P.S.2: O sr. Newton deixou de fumar. Você também pode deixar, pois está mais perto de Deus que o senhor Newton!

Essa súplica, essa oração de fé, foi ouvida e atendida. Uma noite da qual me lembrarei para todo o sempre foi aquela em que a família inteira reuniu-se numa sala sagrada no belo templo que adorna a Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado. O pai lá estava. A mãe lá estava. Todos os filhos lá estavam. E realizaram-se ordenanças de significado eterno.

Uma oração conjunta de gratidão encerrou a noite tão esperada.

Que possamos sempre nos lembrar de que . . .

A oração é o desejo sincero da alma
Expresso em palavras ou guardado no coração.
É o mover de um fogo oculto
Que em nosso peito tremula. (. . .)
Ó Tu, que chegar a Deus nos fazes,
O Caminho, a Verdade e a Vida,
Pela trilha da oração Tu caminhaste.
Senhor, ensina-nos a orar.
(Hinos, 1990, nº 82)

Ele ensinou-nos a orar. Que cada um de nós aprenda e viva esta lição é minha ardente súplica e sincera oração. □

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES:

1. Mais do que ninguém, Jesus nos ensinou a razão e a maneira de orar.

2. A presunção, algumas vezes, faz com que as pessoas afastem a oração de sua vida. Por outro lado, freqüentemente as tribulações fazem-nas ajoelhar-se novamente.

3. Felizmente o Senhor é piedoso: ao nos lembramos Dele, Ele se lembrará de nós.

4. Nossas orações de fé são ouvidas, constantemente trazendo as respostas do Senhor de modo calmo e normal.

Meu Primeiro Livro em Italiano

De Salvatore Flore,
como relatado a Wolfgang Hiemer

Nasci numa boa família católica, em 1949, na Sardenha, uma ilha no mar Mediterrâneo. Lá recebi uma educação cristã e freqüentei a igreja regularmente.

O povo da Sardenha sempre foi bastante independente, por isso não causa surpresa que, embora governado pela Itália, tenha mantido a língua nativa como única. Conseqüentemente, até iniciar a escola, com seis anos de idade, eu só falava sardo, língua similar ao latim.

Na escola, entretanto, tudo era em italiano. Essa nova língua me fascinava e esforcei-me ao máximo por aprendê-la. Eu tinha, porém, uma desvantagem—minha família não possuía qualquer livro em italiano. Tudo o que eu tinha eram os livros da escola.

A não ser por esse fascínio pela língua italiana, eu era um menino como qualquer outro. Depois da escola, meus cinco amigos e eu brincávamos na cidade. Certo dia, fomos até o depósito de lixo procurar peças de bicicleta. Quando saímos, mostramos uns aos outros nossos "tesouros". Eu achara um guidão, pelo qual meu amigo Franziskeddo se interessou. Ofereceu-me, em troca, um livro em italiano que encontrara. Apesar de o livro estar sem a capa e sem as primeiras páginas, concordei imediatamente. Fiquei muito feliz. Finalmente eu possuía um livro em italiano—de fato, aquele era o primeiro livro que eu jamais tivera!

Quando comecei a lê-lo, descobri histórias religiosas de homens de quem nunca ouvira falar—Leí, Néfi, Alma, Helamã, Morôni. Apesar de nada saber sobre a origem do livro, tinha uma sensação de bem-estar e segurança sempre que o lia. Por volta de meus dezesseis anos, tinha lido o livro pelo menos umas dez vezes, ainda sem saber seu nome. Aproximadamente nessa época, mudei-me da Sardenha para a Itália. Por fim acabei perdendo o livro, mas as histórias e ensinamentos permaneceram em minha memória.

Muito depois, nos anos setenta, mudei-me para a Alemanha e arrumei emprego numa fábrica de máquinas de fazer açúcar, em Hagen. Um dia, um engenheiro da companhia voltou de uma viagem a negócios que fizera aos Estados Unidos. Trouxe consigo um livro em alemão chamado *Das Buch Mormon*. Sabendo que eu era interessado em religião, emprestou-me o livro. Infelizmente, minha capacidade de entender a língua alemã não era muito grande e eu entendia muito pouco do que lia—embora, de algum modo, aquilo me parecesse familiar.

Alguns anos depois, dois missionários bateram à minha porta em Hagen. Apresentaram-se como missionários e pediram-me algum tempo para apresentar a igreja a que pertenciam—A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ouvi-os contar a história de Joseph Smith. Depois de uma hora de conversa, deram-me um livro e me pediram que o lesse. Era um Livro de Mórmon.

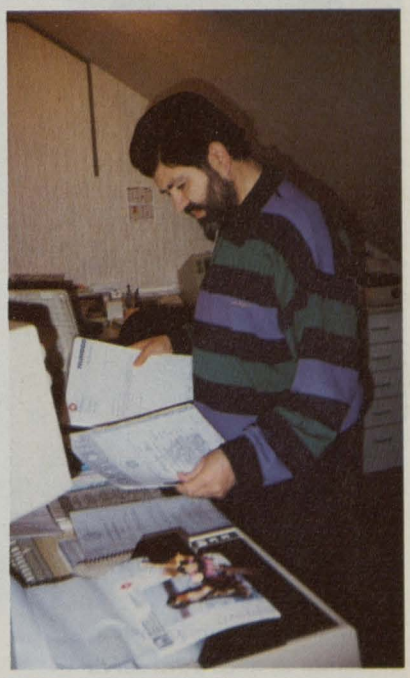
Gostei imediatamente do que li, a começar pelo primeiro versículo: "Eu, Néfi, tendo nascido de bons pais (. . .)". Senti que o livro falava para mim, pois eu também tinha bons pais.

A continuar a leitura, recordações encheram-me a mente. Era algo que eu já lera! Maravilhei-me com o milagre que trouxera de volta a minhas mãos o livro que eu lera tão avidamente quando criança. Junto com as lembranças vieram as mesmas sensações de bem-estar e conforto que tinha sempre que lia o livro em minha juventude. A mão do Senhor nesses acontecimentos estava clara para mim e foi-me fácil aceitar a idéia de que o livro era realmente escritura sagrada e que a Igreja de Deus estava de novo sobre a Terra. Logo me tornei membro da Sua Igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Gostaria de saber quem foi que jogou aquele Livro de Mórmon rasgado no depósito de lixo, em 1955, na Sardenha. Queria agradecer-lhe por levar-me aos tesouros do evangelho de Cristo. □



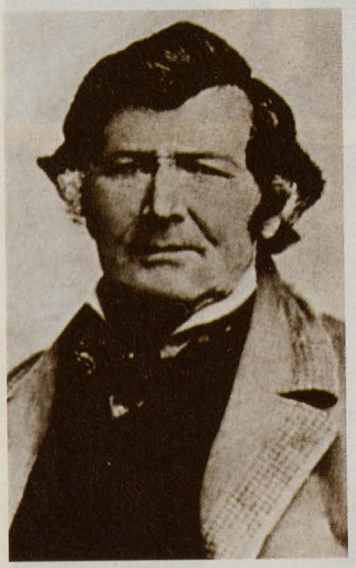




À esquerda: **Salvatore e Karin Flore casaram-se no Templo da Suíça em 1979.** ***No alto:*** **Com os filhos, Isabel e André.** ***Embaixo:*** **Salvatore em seu trabalho como tradutor.**

CICLO TAITIANO

Janet Thomas
FOTOGRAFIA DA AUTORA



***Acima*: Addison Pratt ainda é lembrado pelo sacrifício que fez para levar o evangelho à Polinésia Francesa. Hoje, jovens como Alona Losamkieou, *à direita*, estão deixando as ilhas para servir como missionários em várias partes do mundo.**

Lágrimas rolam pelo rosto do missionário, enquanto ele vê as pessoas que ensinou saírem da água, recém-batizadas. Seu coração fica repleto de emoção ao ouvir esses novos membros da Igreja agradecerem ao Pai Celestial por tê-lo mandado ao Taiti para ensinar-lhes o evangelho. Valeram a pena todos os sacrifícios que ele fez para servir como missionário tão longe de casa.

Em outro batismo, uma jovem de 14 anos, com lágrimas nos olhos, abraça a missionária que lhe ensinou o evangelho. Apesar de ter deixado seu lar há milhares de quilômetros de distância para servir como missionária, ela sente que valeu a pena.

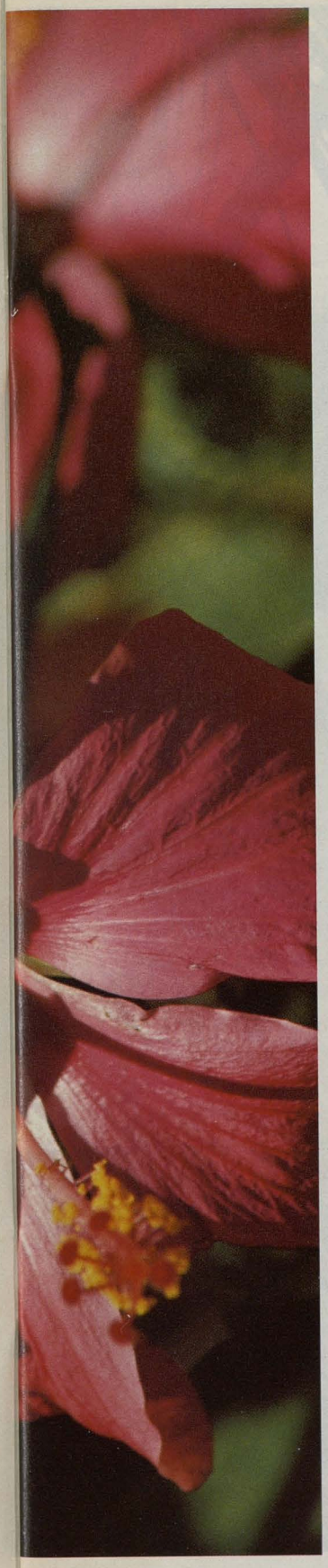
Duas histórias missionárias com a mesma emoção e o mesmo sacrifício. Talvez seja surpreendente saber que elas aconteceram com uma diferença de 150 anos e com um oceano separando-as. O missionário foi élder Addison Pratt, que em 1844 batizou os primeiros membros da Igreja no Pacífico, não muito longe do Taiti. A missionária foi a síster Barbara Nauta, uma taitiana que deixou sua ilha natal para servir missão no Canadá em 1993.

Desde a organização da Igreja, os missionários fazem sacrifícios para levar o evangelho a lugares como o Taiti. Lá, a obra missionária fechou o ciclo. Hoje, os jovens das ilhas estão deixando o lar e servindo missão tanto em outras ilhas como em outras partes do mundo.

A PRIMEIRA MISSÃO DE LÍNGUA NÃO INGLESA

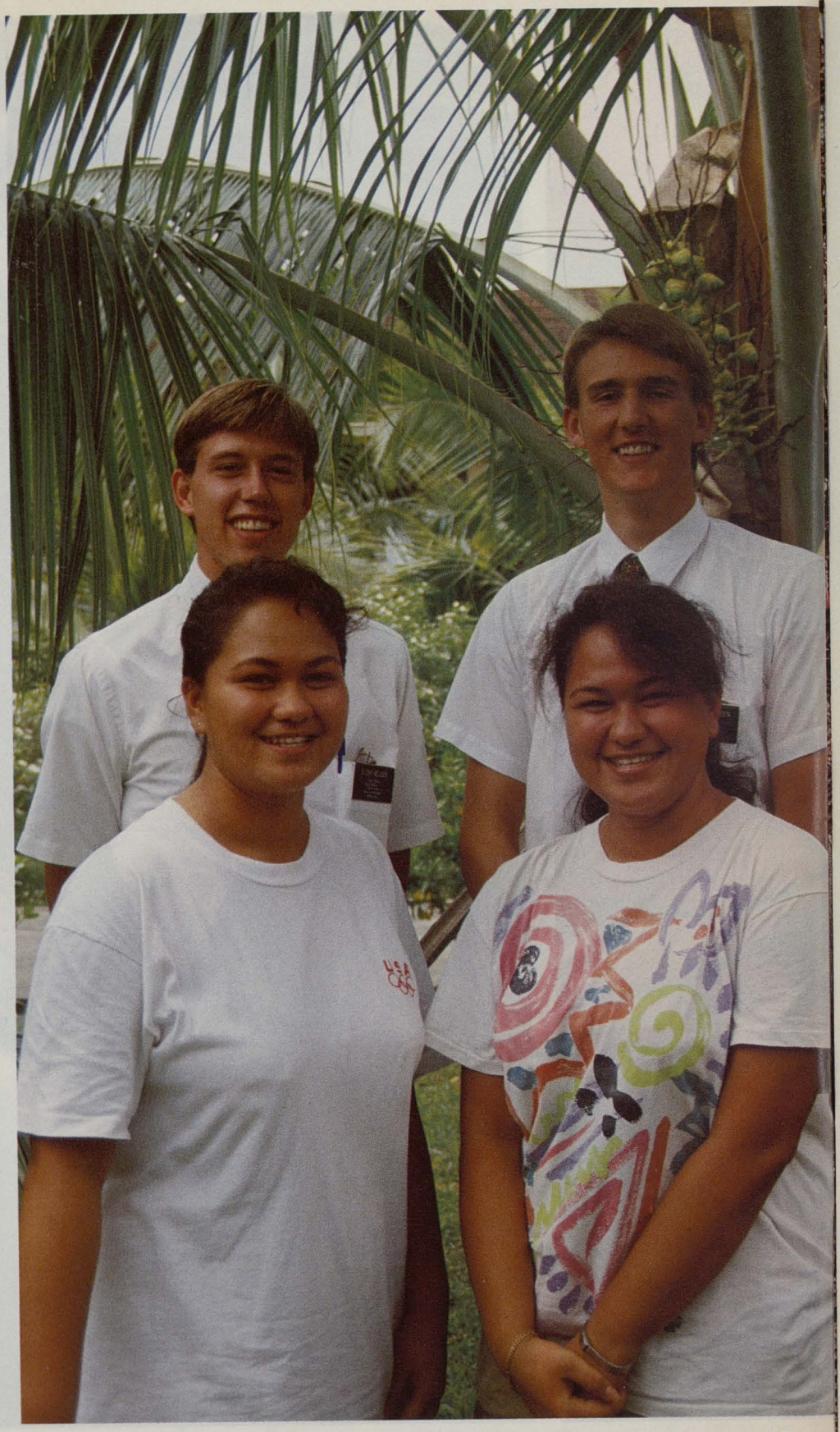
Há pouco mais de 150 anos, os primeiros missionários a serem chamados para uma missão organizada em um país cujo idioma não fosse o inglês, começaram seu trabalho num arquipélago que hoje é conhecido como Polinésia Francesa, sendo o Taiti sua ilha mais conhecida. Eles receberam o chamado do próprio Profeta Joseph Smith.

Chegar ao Taiti e às ilhas em redor não foi fácil. Levou quase um ano de viagem. Esses primeiros missionários—Addison Pratt, Benjamin F. Grouard, Noah Rogers e Knowlton F. Hanks—tiveram que navegar ao redor do mundo para chegar lá. Por terra, foram de Nauvoo, Illinois, para a costa leste dos Estados Unidos e embarcaram num enorme navio rumo ao Pacífico. Atravessaram o Atlântico, onde o élder Hanks, que não tinha boa saúde, faleceu e foi sepultado no mar. Contornaram o Cabo da









Boa Esperança, cruzaram o Oceano Índico, passaram perto das ilhas do sudeste asiático e desembarcaram na ilha de Tubuai, bem ao sul do Taiti, quase um ano após terem deixado Nauvoo. Em Tubuai notaram que os nativos estavam ansiosos por dar-lhes boas-vindas. O Élder Pratt tornou-se rapidamente conhecido porque anos antes, quando era marinheiro, visitara o Havaí e aprendera um pouco de havaiano e o povo de Tubuai conseguia entendê-lo.

Em poucos anos, havia centenas de membros da Igreja em várias ilhas, incluindo o Taiti.

O QUE ACONTECEU DESDE ESSA ÉPOCA?

Oito anos mais tarde, o governo pediu aos missionários que fossem embora. Durante aproximadamente 40 anos, a missão ficou fechada, mas um núcleo de membros da Igreja permaneceu fiel. Então, quando a missão foi reaberta, a Igreja deu início a cem anos de crescimento nas ilhas. O início foi lento, mas logo pegou força. Hoje, com quatro estacas, o Taiti e as ilhas vizinhas têm um templo, dezenas de capelas, um grande número de jovens no campo missionário e um número ainda maior preparando-se para sair em missão assim que tiverem idade suficiente.

Assim como aqueles missionários de 150 anos atrás, os jovens taitianos contam com a orientação do Senhor enquanto servem. Por exemplo, a síster Barbara Nauta, que cresceu no Taiti, serviu na Missão Canadá Toronto. Ela conta que os pesquisadores do Canadá maravilhavam-se por ela ter deixado o calor de sua ilha no Pacífico para aprender uma língua nova (ela já falava francês e taitiano e teve que aprender inglês) e suportar o frio e a neve. Perguntavam-lhe por quê. "Eu dizia a eles: O Senhor mandou-me para cá", conta ela.

UM MISSIONÁRIO EM ESPECIAL

Os habitantes da Polinésia Francesa ainda hoje conhecem os nomes daqueles primeiros missionários de 150 anos atrás. Prezam, também, os nomes de outros missionários que serviram nas ilhas desde aquela época—especialmente os missionários que lhes ensinaram o evangelho.

Para as gêmeas de dezessete anos Titaina e Titaua Germain, do Ramo Haumi, na ilha de Moorea, esses missionários são o élder Nelson e o élder Snowden. As gêmeas, que têm tudo em comum, inclusive os rostos incrivelmente semelhantes, dizem: "Quando os missionários nos explicaram os princípios do evangelho, ficamos realmente perplexas. Foi como se tivéssemos sonhado em conhecer pessoas que viviam assim e uma igreja que trabalhasse como esta".

As gêmeas precisam esperar até completarem dezoito anos para serem batizadas, mas vão a todas as reuniões da Igreja e às aulas do instituto. "Nós duas ficamos interessadas desde o momento em que o élder Nelson e o élder Snowden falaram-nos a respeito do evangelho", disse Titaina. Ou será que foi Titaua? "Sentimo-nos do mesmo modo a respeito das coisas".

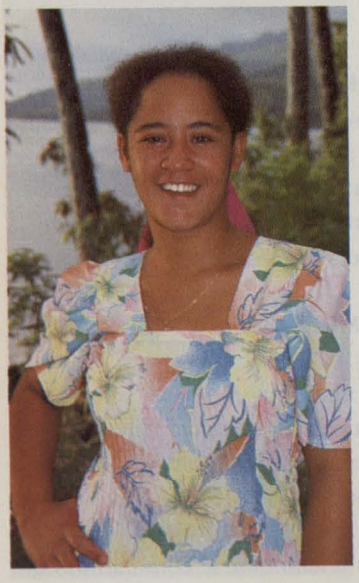


***Acima*: Tendo retornado há pouco tempo de uma missão no Canadá, Barbara Natua é apenas uma entre os jovens taitianos ansiosos por servir como missionários. *À esquerda*: As gêmeas Titaina e Titaua Germain posam com os élderes Nelson e Snowden, que lhes ensinaram o evangelho.**

MÓRMONS HÁ GERAÇÕES

Existem pioneiros vivos na Polinésia Francesa. Para achá-los, Lianna Tarahu, 14 anos, de Hapiti, só precisa recorrer aos avós. Eles filiaram-se à Igreja há muitos anos e lembram-se com carinho do







***À esquerda*: O élder Stelio Mauahiti adora ver o Espírito operar mudanças maravilhosas na vida das pessoas. Lianna Tarahu, de 14 anos, espera servir como missionária algum dia.**

élder John Fuhriman, o missionário que os ensinou.

Por causa dos avós, Lianna é a terceira geração de sua família ativa na Igreja. Como todo mundo, porém, ela teve que obter seu próprio testemunho.

"Em primeiro lugar, fui muito abençoada por ter sido criada na Igreja. Durante toda minha vida, meus pais ensinaram-me os princípios do evangelho. Estudamos as escrituras juntos", diz Lianna. "Não houve um momento ou experiência em particular, mas foram muitas as coisas ao longo dos anos que ajudaram meu testemunho a crescer gradativamente. Agora faço o seminário e estou aprendendo muitas coisas maravilhosas sobre o evangelho. Por causa do seminário, estarei muito mais preparada quando for para a missão".

Lianna considera a missão um assunto muito sério. Diz que sua escritura favorita é 1 Néfi 3:7, na qual Néfi promete ir e cumprir as ordens do Senhor. Ela diz: "Essa é uma promessa que também faço." Diante da pergunta sobre o que fará se for chamada para um lugar distante, ela se mostra hesitante, pois é a mais velha de onze irmãos e sentirá saudades da família e eles dela. Depois diz: "Não fará diferença. Se o Senhor me mandar para os Estados Unidos, Londres ou Bora Bora, eu irei."

Colado na capa das escrituras de Lianna encontra-se o folheto *Para o Vigor da Juventude*. É claro, o dela é em francês e chama-se *Soyez Fort*, "Sêde Fortes". Ela o consulta com freqüência.

É difícil para ela respeitar os padrões? Lianna dá um exemplo. "Faz muito calor aqui, mas nos dizem que devemos ser recatadas e usar vestidos e blusas com mangas. Às vezes é difícil, mas os padrões são bons e nos protegem. Aprendemos muitas coisas que precisamos saber para sermos santos."

VER AS VIDAS TRANSFORMAREM-SE

Stelio Mauahiti morava ao lado de um belo edifício em Paea, no Taiti. Disseram-lhe que era uma igreja, mas ele não sabia de que tipo. Os jardins estavam sempre bem cuidados e havia pessoas quase todos os dias participando de diferentes atividades. Aos domingos ele as ouvia cantar porque as portas e janelas estavam sempre abertas. Nos outros dias, observava meninos da sua idade jogarem basquetebol na quadra. Ele reparava especialmente nos dois jovens que usavam camisa branca e calças escuras.

Em breve estava jogando basquetebol com eles. Depois, começou a ouvir o que eles tinham para dizer. Ele e sua mãe concordaram em receber ensinamentos do evangelho. Quando foram batizados, Stelio decidiu que serviria como missionário algum dia.

Esse dia chegou. O élder Mauahiti foi chamado para servir na Missão Polinésia Francesa. Uma de suas primeiras designações foi o vilarejo de Uturoa, na ilha de Raiatea. A vida na missão é muito diferente da anterior. Agora é ele o rapaz que usa camisa branca e calças escuras. Agora é ele quem joga basquetebol na quadra com outros que estão curiosos a respeito da Igreja. Agora é ele quem ensina.

O melhor de tudo é que o élder Mauahiti vê acontecer com seu povo o mesmo que élder Pratt viu há 150 anos. Ele está vendo as pessoas mudarem para melhor. "Observo a diferença entre os lares de membros e os de não-membros da Igreja", diz élder Mauahiti. "Vi pessoas transformarem-se e corações serem tocados pelo Espírito. Sei que não sou eu quem faz a diferença, e sim o Espírito do Senhor trabalhando por meio de Seus missionários."

Hoje um grande número de jovens da Polinésia Francesa estão servindo como missionários. Tomemos, por exemplo, Alona Losamkieou. Ela deixou a bela ilha de Raiatea, no Pacífico, e viajou para um lugar distante—Cidade do Lago Salgado—para ensinar o evangelho a visitantes da Praça do Templo. Ela é apenas uma dentre os jovens missionários da Polinésia Francesa seguindo o exemplo dado há 150 anos por aqueles primeiros missionários enviados ao Pacífico. A obra missionária completou o ciclo. □



FOTOGRAFIA DE KEN ROSE. CRISTO CURANDO O DOENTE NO TANQUE DE BETESDA, DE CARL HEINRICH BLOCH

NECESSIDADES INFINITAS E RECURSOS LIMITADOS

Élder Glenn L. Pace
Dos Setenta

Com o mundo cada vez mais clamando por auxílio, como decidir onde focalizar nossos esforços?

As manchetes da atualidade estão cheias de relatos de desastres naturais, pobreza extrema, guerras, terrorismo, assassinatos brutais e todas as formas de maldade. É entristecedor vermos um mundo tão cheio de amargura. É irônico que, numa época em que a plenitude da verdade está disponível, a sociedade, de um modo geral, esteja optando por seu próprio modo de vida com a desculpa de buscar a liberalização e a liberdade. Como conseqüência, encontramos sofrimentos por toda a parte devido a lares desfeitos, corpos, mentes e espíritos arruinados.



FOTOGRAFIA DE KEN ROE; *CRISTO CURANDO O DOENTE NO TANQUE DE BETESDA*, DE CARL HEINRICH BLOCH

Nosso mundo tem uma necessidade infinita de auxílio que requer recursos financeiros e humanos, dos quais existe um suprimento limitado. Se vivêssemos em um mundo onde a humanidade compreendesse e praticasse os princípios do evangelho, os recursos seriam suficientes para suprir todas as necessidades. O Senhor garantiu-nos: "E é minha intenção prover pelos Meus santos, pois todas as coisas são Minhas.

"Mas é preciso que seja feito a Meu modo; e eis que este é o modo que Eu , o Senhor, decretei para prover pelos Meus santos, que os pobres sejam exaltados no que os ricos são humilhados.

Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra (. . .)" (D&C 104:15–17).

"TU TE LEMBRARÁS DOS POBRES"

A incumbência que nos é dada nas escrituras, de tomarmos conta dos necessitados da sociedade, é bastante clara em nossa dispensação. Em 2 de janeiro de 1831, somente nove meses após a organização da Igreja, o Senhor disse: "E para vossa salvação vos dou um mandamento, pois ouvi as vossas orações, e os pobres se queixaram perante Mim, e aos ricos fiz Eu, e toda a carne é Minha, e não faço acepção de pessoas." (D&C 38:16)

Um mês após, disse o Senhor: "Se

tu Me amas (. . .) tu te lembrarás dos pobres, e para o seu sustento consagrarás das tuas propriedades (. . .)". (D&C 42:30)

A importância do mandamento foi reforçada novamente, em junho do mesmo ano, em uma revelação dada ao Profeta Joseph Smith. O Senhor enviou vinte e oito élderes, dois a dois, de Kirtland, no estado de Ohio, para o Condado de Jackson, no estado de Missouri. Foi-lhes ordenado seguir caminhos diferentes e pregar o evangelho por onde passassem. Eles não tinham recursos e viajavam por áreas primitivas. Foi nesse contexto que o Senhor disse àqueles homens quando de sua partida: "E em todas as coisas lembrai-vos dos pobres e necessitados, dos doentes e aflitos, pois aquele que não faz essas coisas, o mesmo não é Meu discípulo." (D&C 52:40)

Vale a pena observar a quem o Senhor deu o mandamento de tomar conta dos pobres. Meu estudo das escrituras parece-me indicar que o cuidado dos necessitados é responsabilidade mais de indivíduos do que de instituições. A Igreja participa, de modo a facilitar aos membros a realização desse objetivo. Por exemplo: ao fazermos as contribuições do dízimo e ofertas de jejum, auxiliamos não só pessoas de nossas próprias alas, estacas e países, como também os santos de regiões pobres. Precisamos da organização da Igreja para ajudar-nos a alcançar os irmãos e irmãs em lugares distantes. Em Sua sabedoria, o Senhor escolhe os bispos dentre o povo a quem presidirão. Os bispos conhecem as pessoas de sua ala como indivíduos e como grupo. Ele conhece os hábitos locais. Ao ser ordenado bispo, ele recebe o manto da responsabilidade que lhe permite discernir a quem deve auxiliar. Desse modo, ao cuidar dos membros necessitados em todo o mundo, a Igreja, como instituição, ajuda os membros em geral a cumprirem sua responsabilidade individual de cuidar dos pobres.

ESTENDER-SE PARA ALÉM DOS MUROS DA IGREJA

Quanto a ajudarmos pessoas fora de nossa própria Igreja, Joseph Smith declarou: "Com respeito a quanto um homem (. . .) deve ofertar anualmente [de modo a ser um bom membro] não temos instrução alguma a dar; ele deve alimentar o faminto, vestir o nu, prover às necessidades da viúva, consolar o órfão, confortar o aflito, quer nesta Igreja ou em qualquer outra, ou ainda em nenhuma, onde quer que os encontre." (*Times and Seasons*, 15 de março de 1842.) O conselho dado reitera a exortação encontrada nas escrituras de que deveríamos aliviar os sofrimentos [de homens ou mulheres que] "pertencessem ou não à igreja, não fazendo acepção de pessoas no que se referia aos necessitados." (Alma 1:30)

Meu testemunho a respeito de estendermo-nos para além dos muros de nossa própria Igreja cresceu nove anos atrás quando eu era diretor-gerente do programa de bem-estar da Igreja. Naquela época, começamos a ver documentários na televisão a respeito da seca na Etiópia. Sensível à condição do povo faminto da África e sensível também a vosso desejo de ajudar, a Primeira Presidência solicitou um jejum especial em janeiro e outro em novembro de 1985. Como resultado, doaram-se muitos milhões de dólares para ajudar a aliviar o sofrimento.

A fim de determinar como gastar os fundos doados durante o primeiro jejum especial, o Élder M. Russell Ballard e eu fomos à Etiópia para ver a situação com nossos próprios olhos. Tivemos experiências tocantes, que engrandeceram-nos a alma e aumentaram nossa fé. Nunca mais seremos os mesmos. Algumas das lembranças mais vívidas não são as do terrível sofrimento que vemos nas telas de televisão, mas sim as da grande efusão de amor e do trabalho realizado por diversos países do mundo. Vimos médicos e enfermeiras trabalharem em condições deploráveis. Estavam cansados, mas sorridentes.

Soubemos de um padre católico que trabalhava havia já onze anos na província de Tigré, abatida pela guerra e pela seca. Ele vira a necessidade e tentava ajudar, muito antes que a imprensa popularizasse o socorro à Etiópia.

Vimos um etíope de aparência acabada e olhar desesperado, com perto de oitenta anos, cambalear até o acampamento onde se distribuíam



FOTOGRAFIA DE ELDON K. LINSCHOTEN

Demonstrar amor ao próximo pode significar ficar sujo de lama e molhado, como estes voluntários SUD fazendo limpeza após uma enchente. Mas a união e o bem-estar resultantes abençoam a todos os envolvidos.

alimentos. Estava, claramente, a ponto de morrer de inanição. No seu caminho para o campo, no entanto, ao passar por uma aldeia deserta, escutara um bebê chorando. Procurou até encontrar o bebê sentado no chão ao lado do corpo da mãe. Apesar de estar magro e pálido, pegou o bebê e carregou-o nos braços por mais de quarenta quilômetros até o acampamento. Seu olhar era distante e vago, mas suas primeiras palavras não foram "Estou com fome" ou "Ajude-me", mas sim "O que se pode fazer por este bebê que encontrei?"

Sinto que, como membros da Igreja, devemos fazer tudo a nosso alcance para aliviar o sofrimento. Fico entusiasmado com o fato de que nossos missionários de tempo integral devotem atualmente várias horas da semana a trabalhos comunitários. Quando adequadamente seguido, o programa não se desvia do objetivo básico dos missionários, mas realça-o ainda mais.

Na Guatemala, tive uma experiência, ao observar o trabalho de algumas missionárias de bem-estar, que muito me impressionou. Quando chegaram à capela, a atmosfera tornou-se eletrizante. Os homens, as mulheres e as crianças correram para elas e abraçaram-nas. Foi-me relatado que as missionárias haviam auxiliado durante uma epidemia recente, ajudando em alguns partos e estando presentes quando do falecimento de alguns dos membros das famílias. Levaram alimento para as almas e para os corpos.

UM AMOR SINCERO PELA HUMANIDADE

Sabendo que nos foi ordenado cuidarmos dos pobres e necessitados dentro e fora da Igreja, que prioridades devemos dar a esses dois



FOTOGRAFIA DE MARVIN K. GARDNER

Para ajudarem-se uns aos outros, os santos dos últimos dias de um ramo nas Filipinas participam de uma cooperativa que confecciona cestas. A venda das cestas fornece empregos e sustento para muitos membros do ramo.

aspectos da atividade?

O Presidente Joseph F. Smith nos ensinou: " . . . o primeiro dever do santo dos últimos dias é cuidar de si mesmo e dos [seus] pobres; e então, se pudermos estender a caridade e a assistência aos outros que não são membros da Igreja, sentimos que este é o nosso dever. Mas, primeiramente, cuidemos dos membros de nossa própria família." (*Doutrina do Evangelho*, São Paulo: Centro Editorial Brasileiro, 1975, pp. 279–280.)

Testifico-vos que, nas circunstâncias atuais, podemos tanto cuidar de nosso próprio povo como também ajudar a resolver os problemas da sociedade. Edificar o reino e melhorar o mundo não são atividades que se excluem; de fato, são compatíveis e completam-se. Ao perguntarem ao Senhor qual o maior dos mandamentos, Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37–39)

O maior dos mandamentos, amar a Deus, não recebeu prioridade reduzindo-se ou excluindo-se o segundo mandamento, que é o de amar o próximo. Não penso ser possível um amor sincero pelo Salvador sem que haja amor sincero pela humanidade. Do mesmo modo, não creio ser possível ter-se amor e interesse sinceros pelos membros da Igreja, e, ao mesmo tempo, excluir-se o restante dos filhos de Deus. A compaixão não tem limites políticos ou religiosos. Não podemos fazer tudo, mas, ainda assim, devemos fazer tudo o que estiver a nosso alcance.

UMA BÊNÇÃO PARA O DOADOR

Algo espiritual acontece quando alguém se move para ajudar outrem. O Presidente Spencer W. Kimball expressa seus sentimentos da seguinte maneira: "Ao controlar seus desejos e ver adequadamente outras necessidades à luz de seus próprios desejos, os doadores recebem os poderes do evangelho em sua vida. Aprendem que, ao viver a importante lei da consagração, garantem não somente a salvação física mas também a santificação espiritual." (*Ensign*, novembro de 1977, p. 77.)

Se os indivíduos deixarem a responsabilidade de cuidar dos pobres totalmente para a Igreja, essa maravilha não ocorrerá. Isso se aplica seja a ajuda dada a membros ou a não-membros. Digo isso porque pode haver uma tendência a pagar-se o dízimo e a oferta de jejum e sentir-se que tudo já foi providenciado. A maior das consagrações acontece pela ajuda direta de pessoa a pessoa. Assim, o melhor dos serviços de solidariedade que podemos prestar está em nossa vizinhança e comunidade. Onde quer que vivamos neste mundo, encontraremos dor e sofrimento a nossa volta. Como indivíduos, devemos ter mais iniciativa ao decidirmos como servir da melhor maneira.

Fico feliz pelo fato de os projetos realizados como parte da comemoração do sesquicentenário da Sociedade de Socorro em 1992 terem sido projetos de serviço locais. Havia-se considerado a possibilidade de algumas alas em regiões mais ricas ajudarem outras em países pobres. No entanto, uma determinação inspirada estabeleceu que os projetos seriam realizados em nível local. Se tivessem acontecido a oito mil quilômetros de distância em vez de no "quintal dos fundos" das próprias irmãs, elas não teriam visto com seus próprios olhos a alegria no rosto dos velhos nos asilos ou a gratidão demonstrada pela mulher atendida em um posto de saúde, ou ainda as lágrimas de gratidão derramadas pela inválida em cuja casa se fez uma boa faxina pela primeira vez em dez anos.

Não fazemos essas coisas para recebermos méritos ou abundantes agradecimentos, mas algo muito espiritual acontece entre o doador e o receptor de serviços pessoais. Ambos se edificam e estabelece-se um laço espiritual entre eles.

Um amor, grande o suficiente para abranger não somente a pessoa ajudada mas todos os filhos de Deus, invade o coração.

RESOLVER OS PROBLEMAS EM NÍVEL LOCAL

Todos necessitam doar. Isto vale tanto para os santos que possuam bens como para o mais pobre dentre os pobres. A pobreza é relativa e tem significados diferentes em países distintos. Não há uma solução ou um programa comum a todas as situações.

Os princípios, no entanto, são universais. Não podemos colocar todas as pessoas no mesmo nível econômico. Fazê-lo significaria a violação de princípios e o fomento da dependência, ao invés da independência. As pessoas de cada país têm a responsabilidade básica de resolver seus próprios problemas e devem sacrificar-se umas pelas outras para que possam experimentar a santificação advinda da doação.

Em uma viagem pela América do Sul há alguns anos, conversei com o presidente de uma estaca em que, nos três anos anteriores, cinqüenta por cento dos membros haviam estado desempregados. Eu sabia que a estaca recebera menos de duzentos dólares de ajuda do escritório de área durante aquele período. Perguntei-lhe como os membros tinham conseguido sobreviver sem grande ajuda externa.

Sua resposta foi que as famílias se ajudaram umas às outras—não somente pai, mãe e filhos, mas também tios e primos. Quando um primo conseguia emprego, o dinheiro recebido beneficiava a todos. Além disso, os membros das alas cuidavam uns dos outros e partilhavam o que tinham, ainda que pouco. Com lágrimas nos olhos, ele explicou como os membros da estaca tinham se aproximado uns dos outros e do Senhor. Sua espiritualidade multiplicara-se grandemente.

Poderíamos ter despejado nessa estaca dinheiro de regiões mais ricas, e nos sentiríamos bem com isso. No entanto, ao assim fazermos, teríamos roubado aos membros a oportunidade de servirem uns aos outros e de se santificarem ao fazê-lo. As soluções para o problema da pobreza são muito complexas, e o equilíbrio entre ajuda demais e de menos é difícil de ser atingido. Nossa compaixão pode conduzir ao fracasso se dermos ajuda sem criar independência e auto-suficiência no que a recebe.

Por outro lado, há um nível de miséria abaixo do qual nenhum santo dos últimos dias deve descer quando outros estão vivendo em abundância. Podemos ficar contentes vivendo abastadamente, enquanto outros não possuem nem mesmo o suficiente para terem água potável tratada? Debato-me constantemente a respeito desse equilíbrio. No entanto, acredito ter aprendido uma verdade divina. Não posso santificar-me sem servir a outros e serei responsável se tirar a alguém a oportunidade de prestar auxílio.

TEMOS TAMBÉM QUE DAR DE NÓS MESMOS

Não podemos, como indivíduos, ser espectadores da dor e do sofrimento ao nosso redor, ficar sentados sem nada fazer e, ainda assim, esperar que nossa vida seja santificada. Há um limite do quanto devemos contar com os programas de bem-estar de instituições. Não podemos permitir que as estruturas de uma organização se interponham entre nós e uma pessoa que sofre, quando formos capazes de ajudá-la.

Sem tal perspectiva, há o perigo de estabelecermos uma organização que seja, realmente, mais eficiente, mas que, ao mesmo tempo, levante um muro entre nós e os necessitados. Ao primeiro sinal de necessidade, podemos achar que não temos obrigação de ajudar porque, afinal de contas, não somos o bispo, o mestre familiar ou a professora visitante daquela pessoa. Existem muitas vezes, pedidos de ajuda que vêm precedidos de vosso nome, e talvez sejais os únicos a escutar o pedido.

Acredito que a Igreja continuará a prestar ajuda humanitária, desde que essa ajuda realmente facilite nosso desejo individual de ajudar os pobres e necessitados. Contudo, a responsabilidade fundamental do mandamento de cuidar dos pobres é nossa. Devemos fazer contribuições financeiras quando possível, mas isso só não basta. Devemos também nos doar. Podemos freqüentemente dar de nós quando uma contribuição



FOTOGRAFIA DE ISAAC FERGUSON

Os membros da Igreja, da mesma forma que estes homens em Trinidad, encontram a paz interior e a satisfação ao trabalharem juntos em projetos de ajuda mútua. Ao nos sacrificarmos uns pelos outros, experimentamos a santificação que advém da atitude de dar de nós mesmos.

financeira não for possível.

A esse respeito, sinto-me tão tocado pelo que o Salvador fez ao dirigir-se para o local de onde pregaria o Sermão da Montanha, quanto pelo que ele disse no próprio sermão. Em Seu caminho, Ele curou os doentes e pregou o evangelho. (Ver Mateus 4:23–24.)

Ao falar a respeito de "cuidar dos pobres", refiro-me à ampla gama de aflições experimentadas pelas pessoas em nosso mundo de hoje, o que inclui apoiar e confortar aqueles que sofrem na mente, corpo e espírito. O dinheiro não compra o puro amor de Cristo, que só pode ser obtido através do sacrifício.

Sei que alguns de vós—com as obrigações familiares, amigos chegados e cargos na Igreja—têm pouco com o que salvar o mundo. A consagração se dá ao servirmos tanto a nossas próprias famílias como a estranhos. Meu objetivo não foi fazer com que vos sentísseis culpados, mas sim ensinar alguns princípios do cuidado para com os necessitados. Vós, e somente vós, conheceis vossa situação individual e podeis determinar como usar esses princípios nas vossas atuais circunstâncias e momentos próprios.

Minha promessa é que, ao analisardes essas necessidades infinitas em relação a vossos recursos limitados, sereis capazes de formular um plano que estabeleça o equilíbrio adequado. Prometo-vos também que as coisas que o evangelho nos pede que realizemos não são mutuamente exclusivas mas se complementam. Falando em meu nome e no de todas as Autoridades Gerais, transmito-vos nosso mais sincero amor e gratidão por tudo que sois e fazeis. □

QUEM PRECISA MUDAR?

Teresa Hunsaker
FOTOGRAFIA DE MELANIE SHUMWAY

Quando o ônibus escolar 882 entrou finalmente na rua de terra, senti-me mais feliz que nunca por ver minha casa.

Estava ainda zangada devido à discussão que irrompera três dias antes entre eu e minhas amigas. Ou deveria dizer, ex-amigas? Para mim elas eram teimosas e egoístas.

Quando o ônibus parou, passei por Connie e Vicki determinada a nunca mais falar com elas.

Naquela noite, revirei-me na cama, sonhando com brigas.

De manhã, tive dor de cabeça. Além disso, acordei tarde e precisei apressar-me para chegar à escola a tempo. Peguei meus livros e bati a porta sem me despedir de minha mãe e meus irmãos menores. Corri para o ponto de ônibus, chegando bem no momento em que o ônibus se aproximava do meio-fio.

Fui rapidamente para um banco longe de Connie e Vicki. Podia sentir que elas me observavam, mas sentei-me perto da janela e fingi não vê-las. Prometi a mim mesma que, se elas não mudassem, nunca mais voltaríamos a ser amigas.

Peguei o livro de história para estudar minha lição e, nesse momento, um outro livro caiu aberto no chão. Fiquei surpresa ao ver que se tratava de *Pathways of Perfection* (Caminhos da Perfeição), de Thomas S. Monson. Eu o pegara por engano ao sair de casa correndo. Estava aberto no capítulo que eu mais precisava ler: "Amai Como Jesus Ama". As palavras pareciam dirigidas a mim, quando li Mateus 22:36–39:

"Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

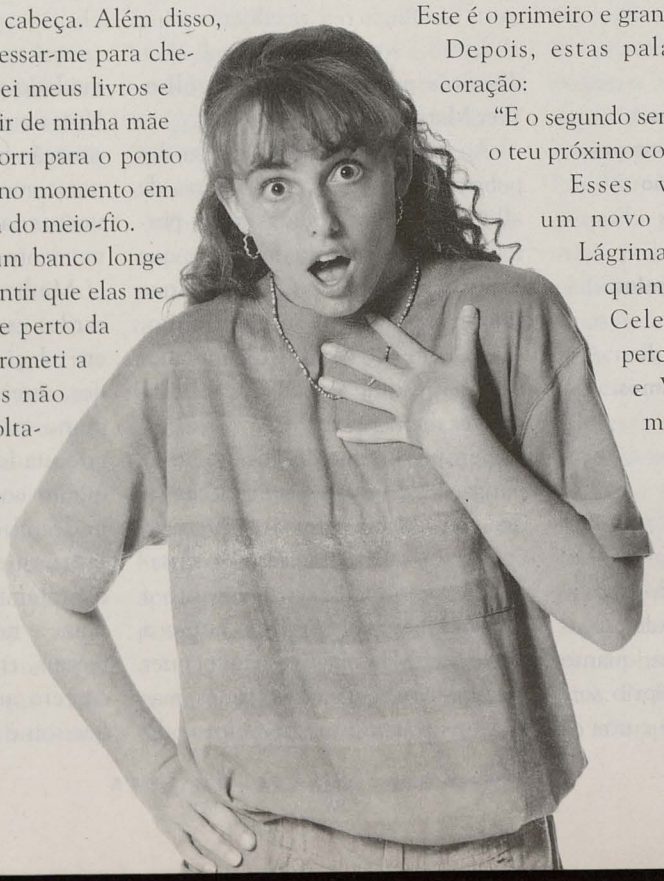
Este é o primeiro e grande mandamento."

Depois, estas palavras penetraram meu coração:

"E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

Esses versículos adquiriram um novo significado para mim. Lágrimas encheram-me os olhos quando senti que o Pai Celestial me amava. Então percebi que não eram Connie e Vicki que tinham que mudar. Era eu!

Naquela manhã, no ônibus, assumi o compromisso de servir e amar ao Senhor, amando aqueles que se encontravam ao meu redor. □



SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1995



MARAU BROTHERS,
DE PAPEETE, TAITI



FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS E VIVIAN PAULSEN

Vivian Paulsen

Nas noites de segunda-feira sempre se pode encontrar Marau Brothers (nove anos) no mesmo lugar: participando da noite familiar com sua mãe, Amelie, seu pai, Iosua, seus oito irmãos (Ramond, Alban, Alfred, Jerry, Teamo, Rudy, Lemuel e Ronald); suas três irmãs (Heloise, Raina e Mireille) e alguns vizinhos e amigos. Ela não consegue se lembrar de nenhuma noite de segunda-feira passada de forma diferente. As únicas vezes em que alguém da família não se encontrava presente nessa ocasião especial foi por estar em missão, no serviço militar obrigatório ou freqüentando a escola na França.

Seu pai é o bispo da Ala Arue, Estaca Taiti Pirae, é selador no Templo de Taiti Papeete e é funcionário de confiança do Banco do Taiti, sendo por isso um homem muito ocupado. Contudo, ele ainda se lembra do dia, há vinte seis anos, quando era um jovem pai e as missionárias ensinaram-lhe o evangelho. Ele não quis ouvir as palestras, mas concordou que as missionárias realizassem noites familiares com a família. Elas o fizeram e, juntamente com as orações, as músicas, as brincadeiras e os lanches, ensinaram-lhe o evangelho. Desde aí as noites familiares têm um lugar especial em

Marau gosta de andar de bicicleta na praia perto de sua casa.

seu coração. Após seu batismo em 1968, ele não deixou que se passasse uma única semana sem realizar a noite familiar.

Marau aprendeu por meio do testemunho de seus pais e de seus irmãos a importância de compartilhar a verdade com o próximo, bem como a importância de viver de modo que as outras pessoas sintam o desejo de conhecer suas crenças. Seus dois irmãos mais velhos, Ramond e Alban, serviram missão no Taiti. Seu terceiro irmão, Alfred, está servindo na Missão Costa do Marfim Abidjã, na África. Em sua casa, a família compartilha o evangelho com os vizinhos e muitos deles já se filiaram à Igreja. Eles convidam freqüentemente seus amigos não-membros para as noites familiares e todos os filhos da família Brothers têm o desejo de servir missão. "A obra da Igreja preferida da família", dizem eles, "é compartilhar a luz."

Marau também gosta de divertir-se e de fazer o que as outras crianças de nove anos de idade do Taiti fazem. O Oceano Pacífico fica logo atrás de sua casa onde ela pode ser encontrada muitas vezes nadando nas águas de um azul vivo, andando de bicicleta ou jogando voleibol com os amigos na praia de areia negra. Ela prefere brincar a fazer o dever de casa, mas sua mãe, uma ex-professora, certifica-se de que tenha estudado também.

Na grama, acima da praia, encontram-se algumas das maravilhosas árvores da ilha, cheias das localmente famosas *Tiare Tahiti* ("flor do Taiti"). Marau faz lindos *leis* (colares) com essas flores, que são dados aos visitantes de terras distantes. Todos os que chegam são recebidos com um beijo em cada face e com um sorriso caloroso.

Marau ama sua linda ilha natal e acha que o Taiti é ainda mais lindo devido ao templo branco e brilhante, dedicado pouco antes de seu nascimento. Todos os seus irmãos foram selados aos pais nesse templo e Marau nasceu nessa família eterna, onde reina o amor. Ela sabe que esta é uma de suas maiores bênçãos. □

Abaixo, à esquerda: **Pais e filhos reúnem-se para a noite familiar.**
À direita: **Marau faz, com freqüência, leis de flores para os visitantes da ilha.**
Embaixo: **Papeete, Taiti, com a ilha de Moorea ao fundo.**







EXPLORANDO

150 ANOS N



O PARAÍSO



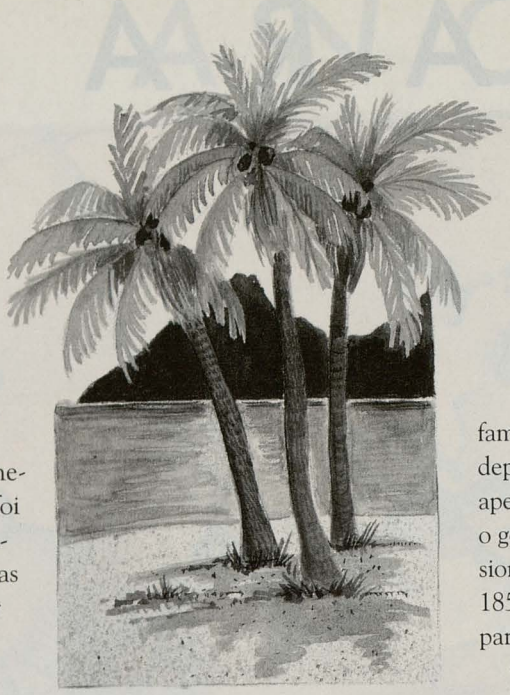
Vivian Paulsen

Em uma manhã de maio de 1843, alguns Apóstolos reuniram-se no escritório de Joseph Smith, em Nauvoo. A oposição à Igreja crescia em Illinois e a perseguição aos Santos aumentava. Apesar de ser uma época difícil, esses líderes foram inspirados a chamar quatro homens para deixar suas famílias, viajar para longe de seus lares e servir como missionários nas Ilhas Sandwich (Ilhas Havaianas). Eles foram os primeiros missionários enviados para um lugar onde não se falava a língua inglesa. Estes quatro homens—Addison Pratt, Noah Rogers, Benjamin F. Grouard e Knowlton F. Hanks— foram designados no dia 23 de maio por Brigham Young, Heber C. Kimball, Orson Hyde e Parley P. Pratt.

Primeiramente, os missionários viajaram para New Bedford, Massachusetts, onde esperavam embarcar em um navio que os levaria ao campo missionário. Não havendo um disponível, compraram passagens no que rumava para as Ilhas Sociedade (Ilhas da Polinésia Francesa), no Pacífico Sul. Partiram no dia 9 de outubro de 1843.

Após algumas semanas no mar, o élder Hanks, um jovem que não tinha boa saúde, faleceu e foi sepultado no Oceano Atlântico. Os três missionários restantes prosseguiram a viagem que os levou a cruzar o Atlântico para o leste e para o sul, contornando o Cabo da Boa Esperança, atravessar o Oceano Índico seguindo a costa sul da Austrália, chegando então ao

ILUSTRADO POR DENISE KIRBY



Oceano Pacífico.

A primeira ilha onde o navio chegou foi Tubuai, em 1844. O povo foi bondoso e hospitaleiro com os missionários e, quando algumas pessoas pediram-lhes que ficassem, o élder Addison Pratt desembarcou para ensiná-los. Trabalhando sozinho durante muitos meses e sofrendo para aprender a língua da Polinésia, o élder Pratt batizou 60 pessoas, de uma população de 200 habitantes e organizou o primeiro ramo da Igreja no Pacífico Sul. Até hoje há uma forte comunidade de santos dos últimos dias em Tubuai.

Os dois antigos companheiros do élder Pratt viajaram para o Taiti, onde tiveram muito menos sucesso. Após alguns meses, o élder Rogers viajou rumo oeste para um pequeno grupo de ilhas e o élder Grouard navegou para a Ilha de Anaa, em Tuamotus. O élder Rogers novamente teve pouco sucesso e encontrou muita oposição. Quando finalmente soube da morte do Profeta Joseph Smith, ele começou a temer pela segurança de sua família, em Nauvoo, e retornou para os Estados Unidos. Faleceu durante o êxodo de Nauvoo.

Por outro lado, o povo de Anaa começou a demonstrar muito amor pelo élder Grouard. Foi o primeiro missionário branco de qualquer religião a ir àquela ilha, e muitos aceitaram a verdade ensinada. Ele batizou mais que 600 pessoas, organizou cinco ramos e chamou oficiais locais para trabalhar. Enviou uma carta ao élder Pratt, pedindo-lhe que viesse para Anaa porque havia trabalho demais para ele sozinho.

O élder Pratt atendeu o convite de seu companheiro e uma conferência da Igreja foi realizada em Anaa, com uma freqüência superior a 800 pessoas. Nessa época, Addison Pratt decidiu ir à sede da Igreja a fim de conseguir mais missionários para ajudarem na obra no Pacífico Sul. Deixando o élder Grouard em Anaa, viajou primeiro para a Califórnia e depois para o Vale do Lago Salgado, chegando em setembro de 1848, apenas uma semana após a chegada de sua esposa e suas quatro filhas vindas de Winter Quarters.

Ele relatou suas experiências aos santos, deu aulas de taitiano e preparou-se para retornar à Polinésia. Em 1850, partiu com um novo companheiro, James S. Brown, e com a promessa de que sua família e outras famílias missionárias iriam logo depois. Eles realmente os seguiram e, apesar dos crescentes problemas com o governo francês nas ilhas, os missionários e suas famílias serviram até 1852, quando foram forçados a voltar para os Estados Unidos.

Quarenta anos se passaram antes que outros missionários SUD recebessem permissão para voltar à Polinésia Francesa. Quando isso aconteceu, os missionários descobriram que muitos membros haviam permanecido firmes, a despeito da falta de contato com a sede da Igreja, mas que muitos outros haviam-se afastado. A obra recomeçou em 1892 e continua até hoje, com poucas interrupções. A verdade do evangelho tem resplandecido nestas ilhas por 150 anos!

Existem hoje quatro estacas nas Ilhas Sociedade e um bonito templo em Papeete, no Taiti. A história dos primeiros missionários é lembrada e relatada freqüentemente pelas pessoas que agora enviam os seus próprios filhos e filhas como missionários a outros países e a outras ilhas. □

Ver S. George Ellsworth e Kathleen C. Perrin, Seasons of Faith and Courage (Épocas de Fé e Coragem), Sandy, Utah: Yves R. Perrin, 1994; e S. George Ellsworth, The Journals of Addison Pratt (Os Diários de Addison Pratt), Salt Lake City: University of Utah Press, 1990, pp. 115–360, 413–497.

REVERÊNCIA NA PRIMÁRIA

Julie H. Jensen

Quantas crianças há na classe da Primária?

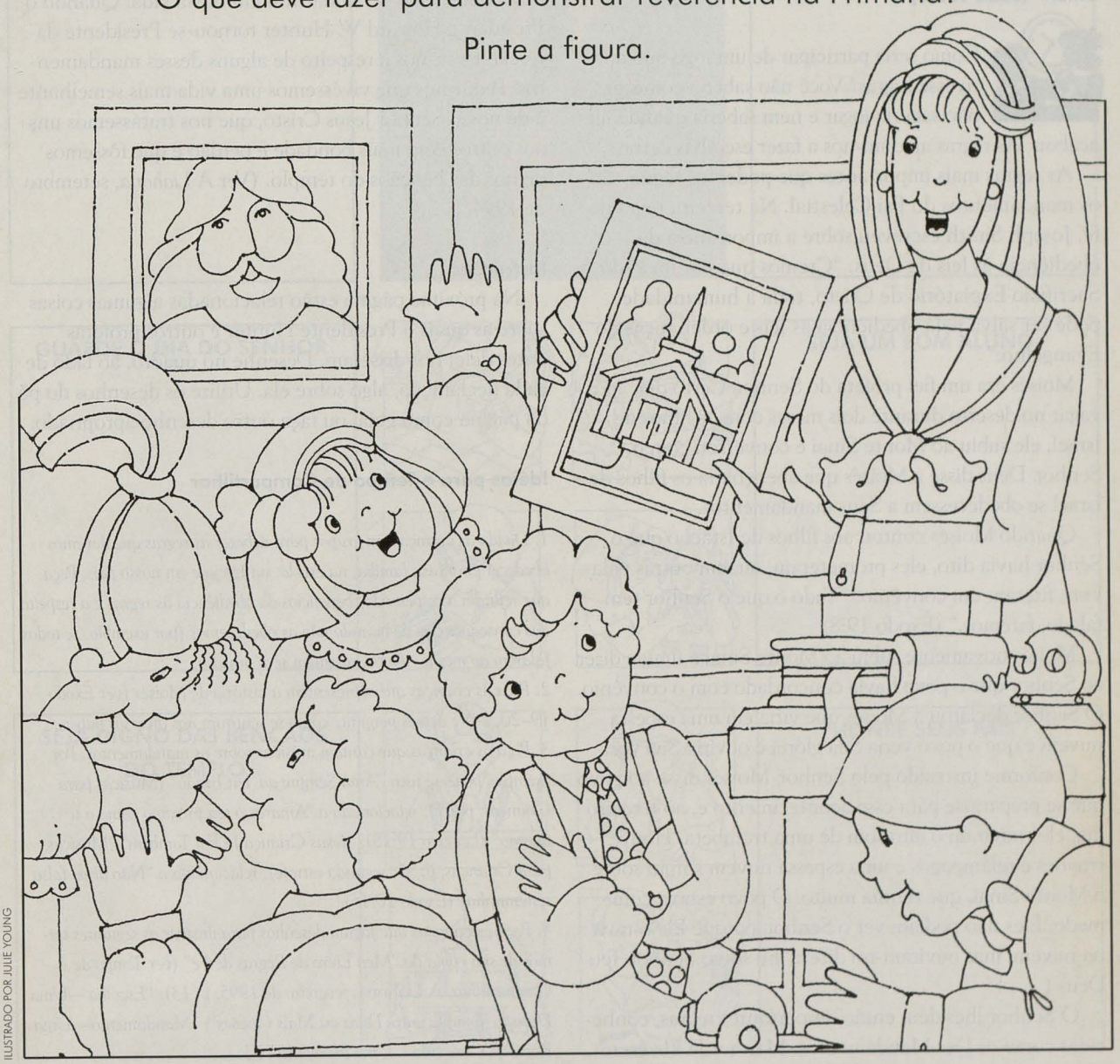
Quem está prestando atenção ao professor?

Quantos meninos há?

Quantas meninas há?

O que deve fazer para demonstrar reverência na Primária?

Pinte a figura.



ILUSTRADO POR JULIE YOUNG

CREIO EM GUARDAR OS MANDAMENTOS

Karen Lofgreen

"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor." (João 15:10)



Como seria participar de um jogo que não tivesse regras? Você não saberia começar, não saberia jogar e nem saberia quando ele acabou. As regras ajudam-nos a fazer escolhas certas.

As regras mais importantes que podemos seguir são os mandamentos do Pai Celestial. Na terceira regra de fé, Joseph Smith escreveu sobre a importância da obediência às leis de Deus: "Cremos que por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho."

Moisés era um fiel profeta do Senhor. Certo dia, após vagar no deserto durante dois meses com os filhos de Israel, ele subiu ao Monte Sinai e conversou com o Senhor. Deus disse a Moisés que abençoaria os filhos de Israel se obedecessem a Seus mandamentos.

Quando Moisés contou aos filhos de Israel o que o Senhor havia dito, eles prometeram, ou, em outras palavras, fizeram um convênio: "Tudo o que o Senhor tem falado, faremos." (Êxodo 19:8)

Moisés novamente subiu ao Monte Sinai a fim de dizer ao Senhor que o povo havia concordado com o convênio. O Senhor declarou a Moisés que viria em uma espessa nuvem e que o povo veria Sua glória e ouviria Sua voz.

Conforme instruído pelo Senhor, Moisés disse ao povo que se preparasse para esse acontecimento e, ao terceiro dia, eles ouviram o alto som de uma trombeta. Houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem surgiu sobre o Monte Sinai, que tremia muito. O povo estava com medo. Eles não podiam ver o Senhor, porque Ele estava na nuvem, mas ouviram-no dizer: "Eu sou o Senhor Teu Deus (. . .)"

O Senhor lhes deu, então, importantes regras, conhecidas como os Dez Mandamentos. Mais tarde Ele escreveu essas regras em tábuas de pedra, para que o povo aprendesse e se lembrasse delas.

Nossos profetas têm-nos transmitido os mandamentos do Senhor a fim de ajudar-nos em nossa vida. Quando o Presidente Howard W. Hunter tornou-se Presidente da Igreja, falou-nos a respeito de alguns desses mandamentos. Pediu-nos que vivêssemos uma vida mais semelhante à de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tratássemos uns aos outros com mais bondade e perdão e que fôssemos dignos das bênçãos do templo. (Ver *A Liahona*, setembro de 1994, p. 2.)

Instruções

Na próxima página estão relacionadas algumas coisas sobre as quais o Presidente Hunter e outros profetas antes dele, nos disseram. Desenhe no quadro, ao lado de cada declaração, algo sobre ela. Utilize os desenhos do pé da página como guia, ou faça outro desenho apropriado.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Divida as crianças em grupos para debater as regras que devemos obedecer em nossa família, na escola, na Igreja e em nosso país. Peça que reflitam a respeito dos benefícios da obediência às regras e a respeito das conseqüências de quando não as obedecemos (por exemplo: se todos falarem ao mesmo tempo, ninguém será ouvido).

2. Peça às crianças que representem a história de Moisés (ver Êxodo 19–20, 24) e depois pergunte como se sentiram nos diversos papéis.

3. Peça às crianças que cantem músicas sobre os mandamentos. Por exemplo, pode-se usar "Ama Sempre ao Teu Irmão" (Músicas para Crianças, p. 61), relacionada a "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Levítico 19:18); "Jesus Criança Já Foi Também" (Músicas para Crianças, p. 55, segunda estrofe), relacionada a "Não dirás falso testemunho" (Êxodo 20:16).

4. Peça às crianças que façam desenhos para ilustrar os seguintes termos de sua cópia do "Meu Livro de Regras de Fé" (ver Tempo de Compartilhar, A Liahona, *fevereiro de 1995, p. 13): "Escolha—Uma Decisão Tomada entre Duas ou Mais Opções"; "Mandamento—Uma Regra"; "Convênio—Uma Promessa."* □

ORE



VIVA A PALAVRA DE SABEDORIA

LEIA AS ESCRITURAS

SEJA BONDOSO COM OS OUTROS

GUARDE O DIA DO SENHOR







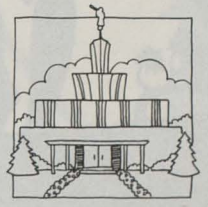


SEJA UM BOM ALUNO

SEJA DIGNO DAS BÊNÇÃOS DO TEMPLO







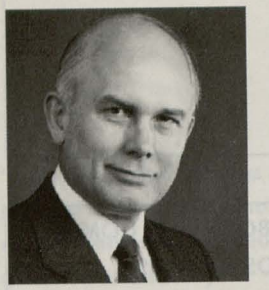


HONRE SEUS PAIS

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER, DE LAVON THORNTON, BASEADO EM UMA FOTOGRAFIA DE MERRETT; ILUSTRAÇÕES DE DENISE KIRBY

HISTÓRIAS

Élder Dallin H. Oaks
Do Quórum dos Doze Apóstolos



Quando criança, eu adorava histórias da Bíblia e as lia muitas vezes. A história de Abraão e Isaque era, para mim, uma aventura. Ao tornar-me mais velho, aprendi que essa história demonstra a bondade de Deus ao proteger Isaque ao impedir que fosse sacrificado. (Ver Gênesis 22:1–18.)

Outro exemplo, dentre meus prediletos, que menciona o cuidado protetor de Deus, é a história do menino-pastor Davi. Ele tinha uma fé inabalável em Deus e essa fé deu-lhe grande coragem. Ao lutar com o gigante Golias, e este rir-se do rapaz, a resposta de Davi é uma das grandes expressões de fé e coragem em nossa literatura. Impressionava-me quando menino e ainda me impressiona: "(. . .) Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos (. . .)

Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão (. . .) e toda a terra saberá que há Deus em Israel." (I Samuel 17:45–46; ver também os versículos 40–44, 47–51.)

Uma outra história de proteção foi a de Eliseu e seu jovem servo, que viram os exércitos sírios cercarem a cidade.



DA BÍBLIA

O Senhor mostrou ao menino que as forças celestes os protegiam. O Senhor confundiu e cegou os sírios, e eles foram feitos prisioneiros pelos exércitos de Israel. (Ver II Reis 6:15–23.) Ao ler essa magnífica história quando menino, sempre me identificava com o jovem servo de Eliseu. Pensava eu: *Se alguma vez for cercado pelas forças do mal enquanto a serviço do Senhor, espero que Ele abra meus olhos e me dê fé para compreender que, quando realizamos a obra do Senhor, aqueles que estão conosco são sempre mais poderosos que os que se opõem a nós.*

Durante minha vida já tive muitas experiências de ser guiado no que deveria fazer e ser protegido de ferimentos e também do mal. Um exemplo disso foi como o Senhor protegeu a mim e minha esposa de um ladrão armado, uma noite, muitos anos atrás, na cidade de Chicago (Ver *A Liahona*, janeiro de 1993, p. 41.) Passamos pela experiência de ter sido miraculosamente protegidos, como nas histórias da Bíblia que lia quando criança. Essas histórias não significam que os servos de Deus sejam sempre protegidos das dificuldades ou salvos da morte. Mas a proteção que é prometida aos servos fiéis de Deus é uma realidade hoje, como o foi nos tempos bíblicos. □

Adaptado de um discurso da Conferência Geral de outubro de 1992.



PERSONAGENS DO NOVO TESTAMENTO

Janet Fawcett Higginson

Cada uma das pessoas descritas abaixo é citada no Novo Testamento.



1. Eu morava no deserto. Comia mel e gafanhotos. Era portador do Sacerdócio Aarônico. Quando chegou a época de Jesus ser batizado, Ele veio a mim. Quem sou eu? (Ver Mateus 3:1–4, 13–17)



3. Eu era fariseu e mestre dos judeus. Visitei Jesus de noite. Sabia que Ele era um grande mestre e que vinha de Deus. Perguntei-lhe como alguém poderia nascer de novo. Quem sou eu? (Ver João 3:1–13)



ILUSTRADO POR DENISE KIRBY

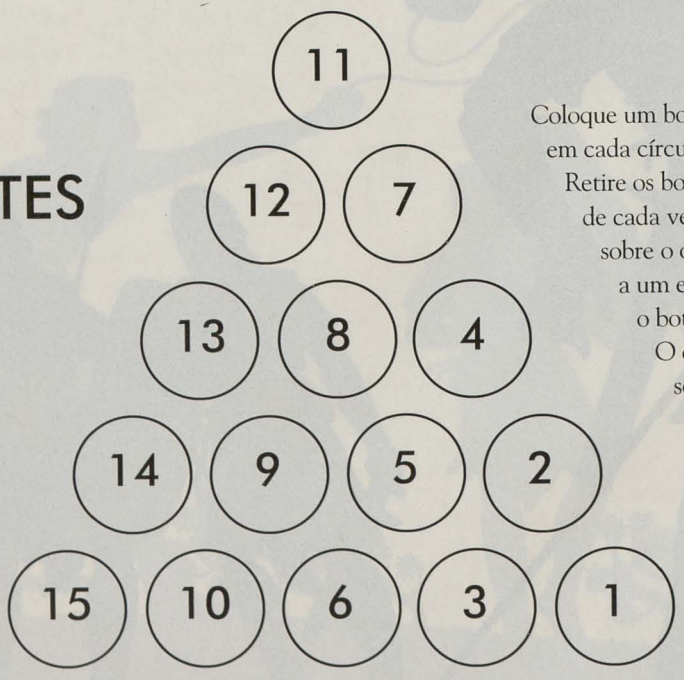
2. No Velho Testamento, eu era conhecido como Noé. No Novo Testamento apareci a Zacarias, o pai de João Batista, e a Maria, a mãe de Jesus. Quem sou eu? (Ver Lucas 1:5–19, 26–33)



4. Eu era carpinteiro. Um anjo apareceu a mim e disse-me que Maria, minha esposa, seria a mãe de Jesus. Quem sou eu? (Ver Mateus 1:18–21; 13:53–55)

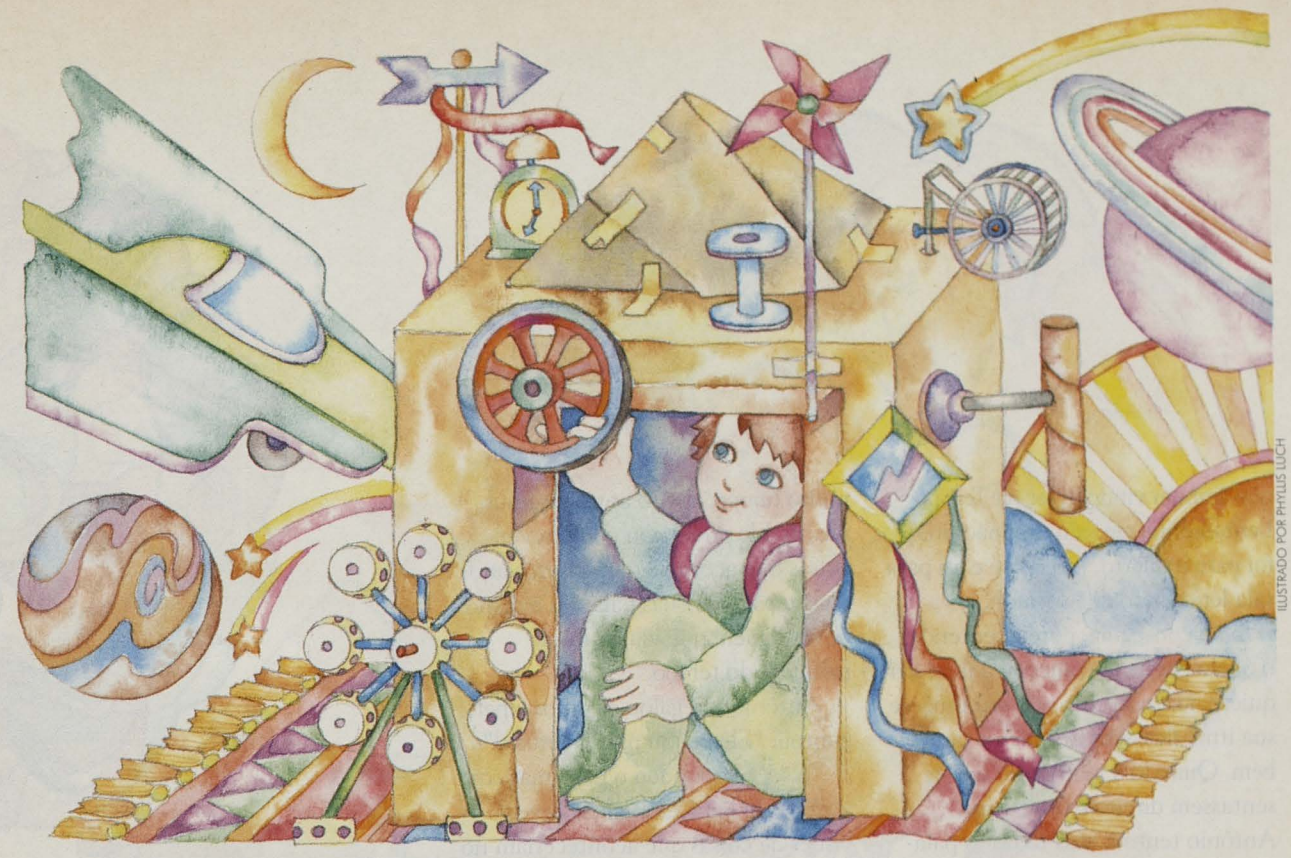
BOTÕES SALTITANTES

Diana Carolyn Ice



Coloque um botão (ou uma moeda) em cada círculo, exceto no círculo 13. Retire os botões do tabuleiro, um de cada vez, pulando com um botão sobre o outro em direção a um espaço vazio e retirando o botão sobre o qual você pulou. O objetivo do jogo é deixar somente um botão. □

Personagens do Novo Testamento: (1) João Batista; (2) Gabriel; (3) Nicodemos; (4) José.



ILUSTRADO POR PHYLLIS LUCH

ISAÍAS E A MÁQUINA DO TEMPO

FICÇAO



Patricia Warnock

Antônio olhou pela janela de sua máquina do tempo de faz-de-conta, uma caixa de papelão que ele mesmo pintara e enfeitara com canetas, papel alumínio e outras coisas. Havia vários dias que ele brincava e divertia-se muito com ela. Agora ele estava imaginando haver um objeto estranho diante dele. Parecia um carro, mas possuía asas. Era grande o bastante para o menino "passear" com ele, e era tudo o que queria fazer. Mas assim que saiu da máquina do tempo para fazê-lo, ouviu uma voz da vida real que dizia: "Hora de ir para a cama, Antônio."

"Ah, mãe", disse ele, desapontado. "Eu só ia dar um passeio no meu carro voador."

"Bem, você faz isso amanhã", respondeu a mãe. "Agora precisa aprontar-se para a leitura do Livro de Mórmon e depois, cama."

A contragosto, arrastou a caixa para o canto onde guardava os brinquedos e foi para o quarto. Em poucos minutos, estavam todos sentados na sala de estar, cada um com um Livro de Mórmon nas mãos.

O pai disse: "Hoje chegamos à parte em que Néfi nos relata as palavras de um profeta chamado Isaías. É o mesmo profeta Isaías da Bíblia." Ele mostrou a todos onde ficava o livro de Isaías na Bíblia e as citações no Livro de Mórmon e começou a ler o que Isaías dissera.

Antônio abriu o livro na página certa e tentou seguir a leitura do pai, mas em poucos minutos seus olhos começaram a fechar. A próxima coisa que viu foi sua mãe acordando-o para ir para a cama.

Na noite seguinte, Antônio fizera outra viagem imaginária pelo futuro. Quando sua mãe o chamou, ele fingia conversar com criaturas de Plutão

que tinham vindo viver na Terra. Lentamente, ele saiu da "máquina", foi para o quarto, trocou-se e foi para sala ler o Livro de Mórmon.

Não conseguia, porém, entender o que o pai lia, e começou a ficar irriquieto, fazendo com que seu irmão e sua irmã ficassem irriquietos também. Quando a mãe pediu que se sentassem direito e ouvissem, Antônio tentou, mas todas as palavras soavam estranhas. "Isaías é muito difícil", disse ele, quando o pai terminou a leitura daquela noite.

"Sim, as palavras dele são difíceis de entender", concordou seu pai, "mas se nós lermos devagar e vocês escutarem com atenção, talvez sejam capazes de entender."

"Além disso", disse a mãe, "podemos pedir ao Pai Celestial que nos ajude a entender." Depois, oferecendo a oração daquela noite, ela pediu ajuda para que compreendessem Isaías.

Na noite seguinte, Antônio ia empurrando sua caixa para o canto quando seu pai disse: "Espere Antônio, deixe sua caixa aí por enquanto. Quero fazer uma coisa diferente hoje para nossa leitura".

Quando todos estavam sentados, seu pai começou: "Hoje acho que todos devemos aprender mais sobre Isaías e seus ensinamentos, para podermos entender melhor quando lemos suas palavras.

Isaías foi um profeta que viveu há muito tempo, muito antes de Jesus nascer. Ele profetizou ou escreveu coisas que aconteceriam muitos anos mais tarde. Ler suas palavras é como ouvir alguém que viajou numa máquina do tempo."

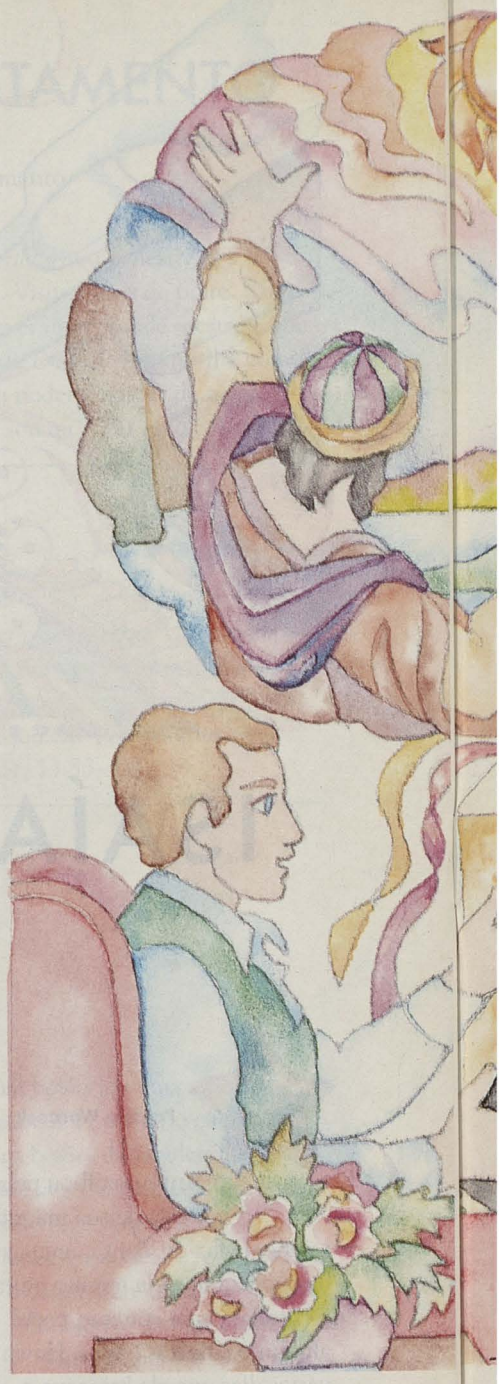
Antônio arregalou os olhos e perguntou: "Ele viajou para o futuro?"

"Não", respondeu o pai, "mas com a ajuda do Pai Celestial ele teve visões de coisas que aconteceriam no futuro, e relatou essas coisas."

O pai mandou as crianças entrarem na máquina do tempo de Antônio. "Quando lemos Isaías", disse ele, "é como se estivéssemos viajando numa máquina do tempo com ele. Podemos ouvir suas palavras e imaginar que estamos lá, vendo as coisas que ele viu."

Antônio e seus irmãos gostaram. Eles queriam viajar na máquina do tempo com Isaías.

O pai continuou. "Na Bíblia, vemos histórias que aconteceram quando ele estava vivo. Uma delas conta de um rei chamado Ezequias. Certa vez, o rei Ezequias estava muito doente e quase morrendo. Ele orou e pediu ao Senhor que o deixasse viver por mais tempo. O Senhor disse a Isaías o que Ezequias devia fazer para melhorar, dizendo-lhe ainda que Ezequias poderia viver mais quinze anos. Como sinal a Ezequias, o Senhor fez o sol retroceder dez graus. Uma outra vez, Isaías ajudou o rei Ezequias a vencer uma batalha e salvar Jerusalém."



No dia seguinte eles leram a respeito de coisas futuras que Isaías viu. Subiram na máquina do tempo e fizeram de conta que estavam com Isaías quando ele teve a visão de



Maria, José e do menino Jesus. Ouviram as belas palavras do profeta: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu".

A seguir as crianças ouviram as palavras de Isaías sobre o triste momento em que Jesus morreu: "Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades".

Depois, fingiram viajar vários anos à frente e ouviram Isaías contar a respeito do aparecimento do Livro de Mórmon: "E será a tua voz debaixo da terra, como a de um feiticeiro, e a tua fala assobiará desde o pó."

Noite após noite naquela semana, na hora da leitura do Livro de

Mórmon, eles entraram dentro da máquina do tempo e fingiram viajar com Isaías. Uma noite, Antônio perguntou: "Tudo que Isaías viu já aconteceu?"

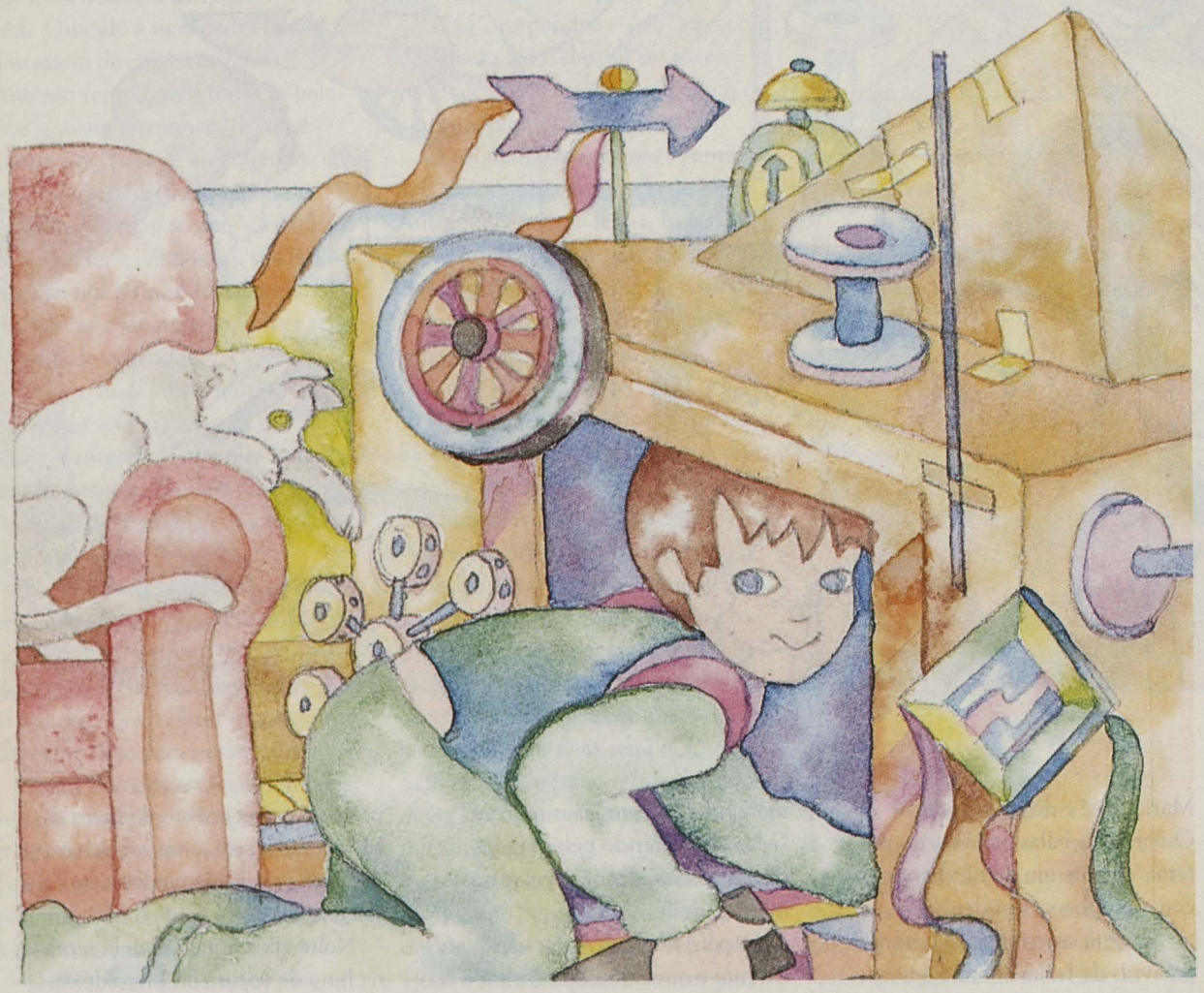
"Não", respondeu o pai, "nem tudo. Isaías viu coisas que só aconteceriam em nossos dias e coisas que ainda vão acontecer, numa época chamada Milênio, quando Jesus virá e viverá na Terra de novo."



"Isaías tinha sorte", disse a irmã mais nova de Antônio, "Ele viu muitas coisas."

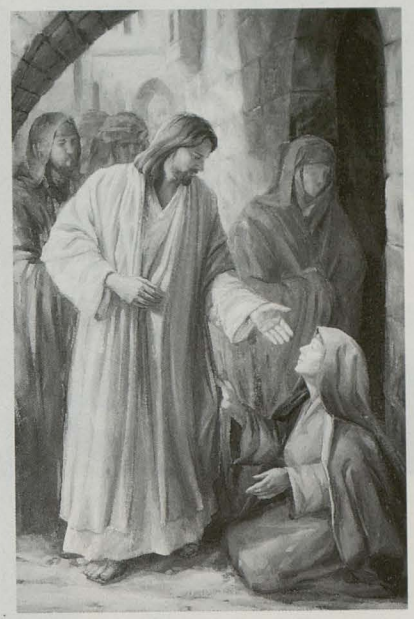
"É", concordou Antônio, entrando novamente na máquina do tempo, "mas nós também temos—podemos viajar com ele e ver essas coisas também, quando lemos as escrituras." □

As fontes das informações e citações são: Bible Dictionary—Hezekiah and Isaiah (Dicionário Bíblico—Ezequias e Isaías); II Reis 18–19; Isaías 9:6; 29:4; 38:1–8; 53:5 e 2 Néfi 19:6.



MAIS FÉ EM MEU SALVADOR, MAIS CONFIANÇA NO SENHOR

"(. . .) que Cristo habite pela fé nos vossos corações (. . .)." (Efésios 3:17)



ILUSTRADO POR JUDITH MEHR

Ana, uma viúva fiel de Jerusalém já "avançada em idade", trabalhava no templo jejuando e orando diariamente. Depois de muitos anos, sua fé foi recompensada ao ver o menino Jesus no templo e reconhecê-Lo como o Redentor. (Ver Lucas 2:36–38.)

A FÉ PODE DAR-NOS CONFIANÇA

A fé não é um conhecimento perfeito (ver Alma 32:26). Como o Élder Boyd K. Packer declarou: "A fé, para ser fé, (. . .) deve ir além daquilo que se pode confirmar por meio de evidências; (. . .) deve chegar ao desconhecido, (. . .) deve caminhar até os limites da luz e adentrar um pouco pela escuridão (. . .). [*Faith* (Fé), Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Company, 1983, p. 42.]

Uma mulher atravessou um momento de escuridão quando seu filho de oito anos morreu em um acidente. "Meu testemunho de Jesus Cristo e da vida após a morte, outrora fiel, foi enormemente desafiado", lembra-se ela. "Minha fé Nele parecia destruída. Minhas dúvidas, porém, não representavam uma rejeição das verdades eternas, mas somente medo do desconhecido. Como o pai que implorou ao Salvador que curasse seu filho, clamando 'Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade' (Marcos 9:24), eu também clamei em orações angustiadas.

Aquele foi o início de uma fé renovada que veio a tornar-se uma segurança reconfortante. Consegui, finalmente, entregar meu filho aos cuidados de Deus, olhando adiante com fé em meu Salvador, com meu próprio 'esplendor de esperança' (2 Néfi 31:20)."

NOSSA FÉ E CONFIANÇA DEVEM CONCENTRAR-SE EM NOSSO SALVADOR

As escrituras nos falam de uma mulher que suportou doze anos de doença, experimentando todos os tratamentos conhecidos, mas piorando cada vez mais. (Ver Marcos 5:26.) Um dia, ela viu Jesus em meio à multidão. Crendo que seria curada se conseguisse tocar as vestes do Salvador, dirigiu-se a Ele e tocou Seu manto. "E logo", dizem as escrituras, "sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal" (Marcos 5:29) O Salvador assegurou-lhe que sua fé a havia salvado (ver Marcos 5:34).

O Élder Dallin H. Oaks explicou que há muitas imitações desse tipo de fé ou confiança. Algumas pessoas só confiam em si próprias. Outras depositam sua confiança em um amigo. Mas só a confiança no Senhor Jesus Cristo pode garantir força constante e vida eterna (ver A *Liahona*, julho de 1994, pp. 111–113).

Confiar em fontes materiais de poder, como o dinheiro ou a escolaridade, pode levar a confusão e a decepções. "Sempre haverá distrações", comentou Patricia P. Pinegar, presidente geral da Primária. "Mas se decidirmos voltar-nos para o Senhor, acreditar Nele, segui-Lo, poderemos aumentar nossa fé. (. . .) O que podemos fazer para voltarmos a atenção para o Salvador e aumentar nossa fé Nele? (. . .)

Decidir acreditar. Pedir ajuda, depois ouvir. Habituar-nos a voltar a atenção para o Salvador." (A *Liahona*, julho de 1994, p. 108.)

- *Como podem nossas dúvidas e temores transformarem-se em fé e confiança em Jesus Cristo?*
- *De que maneiras podemos praticar e aplicar nossa fé no Salvador?* □



NOSSA FAMÍLIA ETERNA

Berenice Beruben Modad

Meu pai foi batizado em 1963, há mais de trinta anos, por isso pode não parecer tão incomum que suas três filhas estivessem servindo missão no começo de 1993. Mas esse simples fato não conta toda a história.

Apesar de meu pai, Ignacio Beruben, ter sido batizado quando jovem, ele afastou-se da Igreja. Mais tarde, casou-se com uma moça católica chamada Esther Modad e tiveram três filhas e um filho. Eu sou a terceira filha.

Tendo sido criada em Guadalajara, eu sempre ouvira falar dos "Mórmons", mas nunca soube muito a respeito deles até o dia em que uma amiga contou-me que o verdadeiro nome da igreja Mórmon era A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. *Que nome encantador*, pensei. O nome deu-me uma ótima impressão e por dias ecoou em minha cabeça.

Quando falei com meu pai sobre esse meu interesse, ele convidou-me e a meu irmão Ignacio para irmos a uma reunião da Igreja com ele—sua primeira reunião depois de muitos anos. Lembro-me muito bem da cerimônia religiosa daquele dia, inclusive da música que cantamos. Lembro-me especialmente do espírito doce que meu pai irradiava. Quando a reunião terminou, disse-lhe que gostaria de ouvir as palestras. Uma dupla de missionários combinou uma reunião comigo e com meu irmão na terça-feira seguinte.

Quando contei a minha mãe, ela disse: "Pense bem. Mudar de religião não é passatempo." Mas eu estava

Acima: **Ignacio Beruben e a esposa, Esther, no centro de Guadalajara com seus filhos, Ignacio Beruben Jr., Cláudia, Berenice e Labibe.**
À direita: **Como missionária de curto prazo, Berenice teve a oportunidade de apresentar o conceito de família eterna a outras pessoas.**

FOTOGRAFIA DE TERE AVITIA RASHETA



FOTOGRAFIA DE TERÉ AVITTA RASHETA



Três ex-missionárias em uma colina perto de sua cidade natal, Guadalajara, México. À esquerda: Labibe, Berenice e Cláudia.

sinceramente—mesmo desesperadamente—procurando a verdade. Eu estivera em reuniões de outras denominações religiosas, mas nunca sentira o espírito que senti naquela reunião com meu pai.

Desde a primeira palestra, eu soube que havia encontrado o que estivera procurando. Quando os missionários me perguntaram se seria batizada, disse que sim sem hesitação. Quando pediram que eu orasse, senti o Espírito Santo confirmar minha decisão.

Em 29 de abril de 1990, Ignacio e eu descemos às águas do batismo. Que pureza senti! Que sensação de frescor! Parecia que meu coração ia explodir de alegria. Ao sair da água, as primeiras pessoas que vi foram meus pais. Estavam de mãos dadas e tinham lágrimas nos olhos. Desde aquele dia, bênçãos começaram a derramar-se sobre nossa família. Minha mãe foi batizada; depois, minha irmã Cláudia; e depois minha irmã mais velha, Labibe. No dia 23 de julho de 1991, nossa família foi selada na casa do Senhor. Foi a melhor experiência de nossa vida.

Em junho de 1992, minha irmã Labibe recebeu um chamado para a Missão México Monterrey Norte. Em novembro, Cláudia mandou documentos para o escritório missionário e foi chamada para a Missão México Veracruz. Embora eu não tivesse idade para servir missão de tempo integral, fui chamada em dezembro para servir uma missão de três meses na cidade de Manzanillo. Assim, quando 1993 começou, as três filhas de meu pai estavam servindo ao Senhor como missionárias. Minhas irmãs e eu escrevíamos freqüentemente umas às outras relatando nossa alegria por estarmos envolvidas naquele trabalho.

O modo como nós três viemos a servir missão foi um milagre, mas esse é um tipo corriqueiro de milagre entre os santos. O Senhor providencia um modo para que cada um de nós encontre o caminho certo—ou retorne a ele. Sinto-me grata por meu pai ter escolhido o caminho certo mais de trinta anos atrás—e ter retornado depois de haver-se perdido. Por causa disso, hoje pertenço a uma família eterna.

Sou grata pelo plano de salvação e pelo Salvador, Jesus Cristo, que veio à Terra salvar-nos. Se dermos o melhor de nós, pela graça de Deus poderemos um dia ouvir Sua voz convidando-nos a sentarmos a Sua mão direita. Podemos chegar a uma plenitude de alegria e ser parte da família eterna do Pai Celestial—juntos para sempre. □



A VISTA DO ÔNIBUS ESPACIAL

Pouquíssimas pessoas já viram o mundo da mesma perspectiva que Richard Searfoss. "Não há palavras para descrever a beleza do planeta e a harmonia deste lugar criado para nós", diz o irmão Searfoss, piloto do ônibus espacial *Columbia*. "Enquanto estávamos ocupados em órbita, eu dava um jeito de olhar pela janela e contemplar aquela vista com o coração, a mente e a alma. Toda a missão foi profissionalmente recompensadora e fez com que me sentisse espiritualmente humilde."

Ainda assim o irmão Searfoss, membro da Ala League City, Estaca Texas Friendswood, observa: "Observar a Terra do espaço confirmou tudo o que eu já acreditava, mas nada acrescentou à minha crença. Não há necessidade de as pessoas irem ao espaço para obterem um testemunho."

O irmão Searfoss, tenente-coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, foi um dos seis integrantes da missão de pesquisa científica realizada em outubro de 1993 que durou 14 dias, a mais longa órbita de um ônibus espacial até aquela data. Como piloto, foi um dos tripulantes principais durante a partida e o retorno da nave. Enquanto esteve no espaço, participou de inúmeras experiências, tanto como observador quanto sendo observado. Seus trabalhos incluíram observação da Terra, testes de engenharia e exercícios de navegação.

A tripulação trabalhava 16 horas por dia e tinha pouco tempo livre. Mesmo assim, o irmão Searfoss pôde encaixar alguns saltos mortais com gravidade zero em sua programação ao anoitecer juntamente com uma rotina de exercícios físicos regulares estabelecidos pelos médicos. Também conseguiu ler as escrituras por alguns minutos todos os dias, em geral após o desjejum. "Foi-nos permitido carregar alguns objetos pessoais", explica o irmão Searfoss. "A maioria de nós levou fotos; pendurei a foto de minha esposa, Julie, e de minhas filhas, Megan e Elizabeth, sobre minha gaveta. Tinha também algumas de minhas escrituras favoritas impressas em cartões".

"Houve ocasiões de grande reverência lá em cima", continua, "momentos em que meu espírito estava aberto para assuntos mais importantes que simplesmente os deveres do dia-a-dia."

O irmão Searfoss já está ansiosamente aguardando suas designações futuras. "Sou um astronauta", observa, "espero fazer parte de outra missão." □



O astronauta SUD Richard Searfoss sentiu grande reverência em alguns momentos no espaço, a bordo do ônibus espacial *Columbia*.

Palavras Que Aquecem

Sarah Brown Neilson
ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH

"Adoro ligar para casa só para ouvir sua voz", disse meu marido ao sair para o trabalho. Parei por um momento para pensar nessas palavras. Essa pequena frase aliviou o peso de uma manhã repleta das pressões normais da maternidade: um bebê chorando, um desjejum apressado, uma cozinha desarrumada.

As palavras podem representar uma ferramenta milagrosa que aquece o coração. Elas podem transformar o desânimo em esperança. Podem demonstrar consideração, carinho e compreensão. Palavras usadas dessa maneira atraem o Espírito do Senhor.

Infelizmente muitos de nós somos avarentos quando se trata de elogiar. Por essa razão, talvez nos sintamos como o homem que, chorando sobre a sepultura da esposa, disse: "Ela era uma mulher maravilhosa—e eu quase lhe disse isso certa vez."

Cônjuges são especialmente sensíveis a palavras. O próprio casamento pode ser fortalecido ou enfraquecido simplesmente pelo que é dito.

PALAVRAS QUE CONSOLAM

"Não se preocupe com o pára-lama amassado do carro", disse meu marido, enquanto eu me atormentava por ter sido a primeira a arruinar nosso tão sonhado carro novo. "Poderia ter acontecido com qualquer um, não precisa se aborrecer por causa disso".

Palavras de consolo são importantes quando nosso cônjuge faz algo errado e sente-se desprezível. Palavras carinhosas suscitam gratidão e preservam a auto-estima.

Uma jovem mãe contou-me que nunca esquecerá o dia em que o marido chegou em casa agitado por ter esquecido a carteira numa cabine telefônica. Sua primeira reação foi censurá-lo pela irresponsabilidade de perder o dinheiro do aluguel. Ao ver o semblante triste e aflito dele, porém, ela silenciou. O aluguel poderia ser pago com algumas semanas de atraso. A jovem mãe disse que a expressão no rosto do marido—um olhar que mostrava claramente seu alívio por não estar sendo criticado—foi a recompensa pelo silêncio dela. Afinal, refletiu, que bem teria feito criticar o marido que já estava contrariado?

PALAVRAS QUE ELOGIAM

"Você foi maravilhosa. Estou muito orgulhoso de você", meu marido cochichou-me na conferência da estaca, após eu ter feito o discurso que levara horas para preparar e me causara muita ansiedade.

Palavras sinceras de elogio por um esforço ou realização são tão importantes quanto palavras de compreensão em caso de erro. O desempenho não precisa ser perfeito para merecer louvor. Pense no caso de um jovem marido lutando para consertar o ralo entupido da cozinha. Depois de muito debater-se contorcido debaixo da pia, bate a cabeça e, irritado, joga longe uma ferramenta. A esposa pode aumentar sua frustração reclamando da confusão que estiver fazendo e perguntando por que ele tenta consertar coisas de que não entende, ou pode expressar solidariedade por sua cabeça machucada e agradecer pela tentativa de poupar algum dinheiro.

"Ninguém começará a comer até que sua mãe, que preparou esta deliciosa refeição, sente-se à mesa", declarou meu marido, literalmente me elevando da condição de cozinheira a de rainha, enquanto nossos filhos suspiravam e esperavam para começar a jantar.

Pequenos detalhes do relacionamento humano formam o alicerce de uma vida feliz e bem sucedida. Quando damos atenção às pequenas coisas, as grandes resolvem-se por si. A felicidade duradoura raramente resulta de grandes eventos, grandes riquezas, diversões estimulante ou sucesso fenomenal. A felicidade é encontrada nos acontecimentos diários da vida. Palavras de respeito, apoio e gratidão podem transformar acontecimentos diários em eventos memoráveis.

PALAVRAS POR ESCRITO

"Obrigado por todas as camisas passadas que estão no guarda-roupa", dizia o bilhete que meu marido me deixara sobre a penteadeira.



"Ninguém começará a comer até que sua mãe, que preparou esta deliciosa refeição, sente-se à mesa", disse meu marido, literalmente me elevando da condição de cozinheira a de rainha.

Palavras escritas podem ser os presentes mais belos e baratos que alguém pode dar. Quando nosso filho estava em missão, escreveu-me no dia do meu aniversário desculpando-se por não ter dinheiro suficiente para mandar um presente e, em lugar disso, escreveu-me um belo poema, expressando seu amor e falando das boas recordações que tinha de casa. Enquanto lágrimas enchiam-me os olhos, pensei em como ele podia desculpar-se por aquele presente maravilhoso, um presente que resistiu ao tempo. Em momentos de desespero e tristeza, leio e releio seu poema, que sempre me dá forças e ânimo.

"Fico angustiado por vê-la assim. Quando você sofre, eu sofro", disse meu marido, enquanto eu caminhava aflita com meu braço doendo muito.

Saber que alguém entende nosso sofrimento e sofre junto conosco alivia as aflições e dores da vida. As escrituras nos dizem: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gálatas 6:2). Palavras de compaixão e compreensão podem proporcionar o conforto necessário.

"Como a senhora pode amar tanto o vovô, mesmo estando casada com ele há mais de 50 anos?" perguntou-me minha neta.

"Por causa de suas palavras", respondi. "Ele sempre foi muito bom com elas. Suas palavras dão-me coragem, auto-estima e alegria. Mas, acima de tudo, elas refletem o amor do Salvador." □

AS IMAGENS USADAS PELO MESTRE

Jay M. Todd

Os leitores do Novo Testamento sabem que Jesus usava termos que eram familiares a seus ouvintes. Termos como *ovelha, flores, luz* e *árvores* adquiriam significado de importância eterna quando o Mestre os revestia de dignidade e verdade, gravando imagens visuais no coração daqueles que O ouviam.

Os objetos de Suas imagens, como sepulcros caiados, camelos e searas, estavam presentes em praticamente todo lugar. O ouvinte só precisava olhar em volta para lembrar-se dos ensinamentos do Salvador.

O tempo e o espaço, porém, tornaram algumas destas figuras de linguagem menos claras. E em nosso mundo cada vez mais urbano e industrializado, aquelas paisagens comuns dos dias de Jesus são hoje vistas por pouquíssimas pessoas.

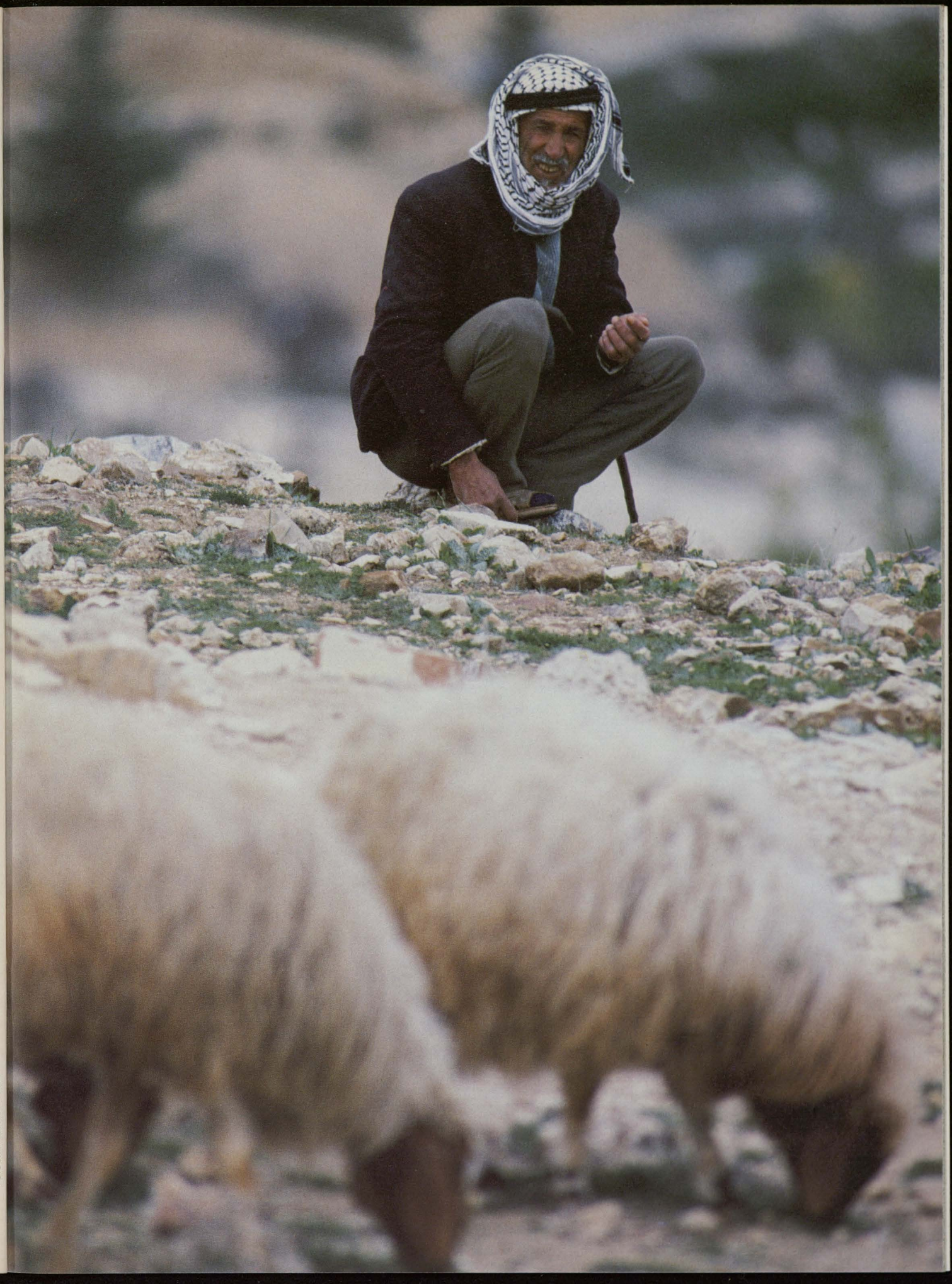
O ensaio fotográfico a seguir ajudará os leitores a entenderem e apreciarem as imagens usadas por Jesus. As situações, paisagens, e objetos foram todos fotografados nas cidades, colinas e ambientes por onde Jesus provavelmente passou.

A seqüência usa figuras de linguagem extraídas dos evangelhos. A ordem não representa qualquer sermão específico de Jesus, mas todo o trabalho está em harmonia com Seus ensinamentos.

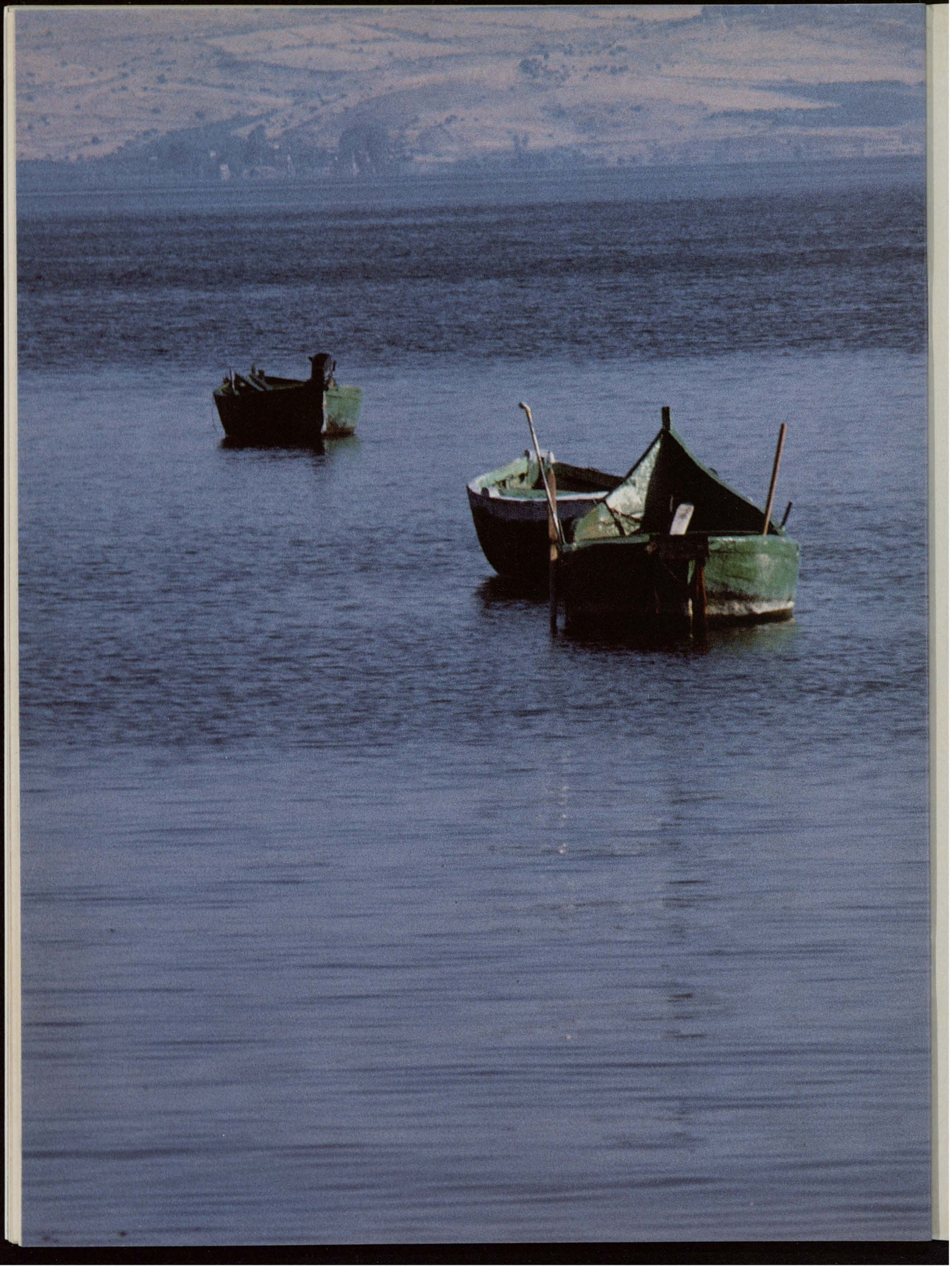
Aqui, estão portanto, as imagens de Jesus.

"[O pastor] chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora. (. . .) [Ele] vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz; Mas de modo algum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. (. . .) Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. (. . .) As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem. E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer." (João 10:3–5, 14, 27–28)

FOTOGRAFIA DE FLOYD HOLDMAN

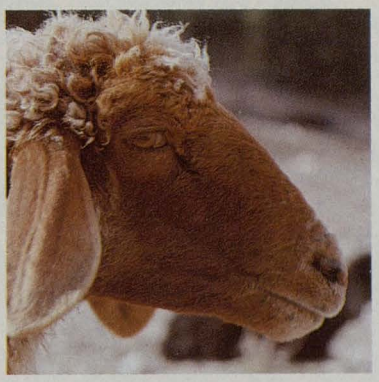


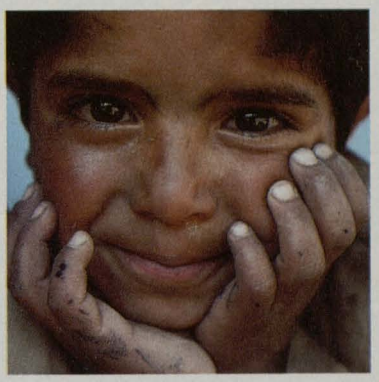
FOTOGRAFÍA DE FLOYD HOLDMAN











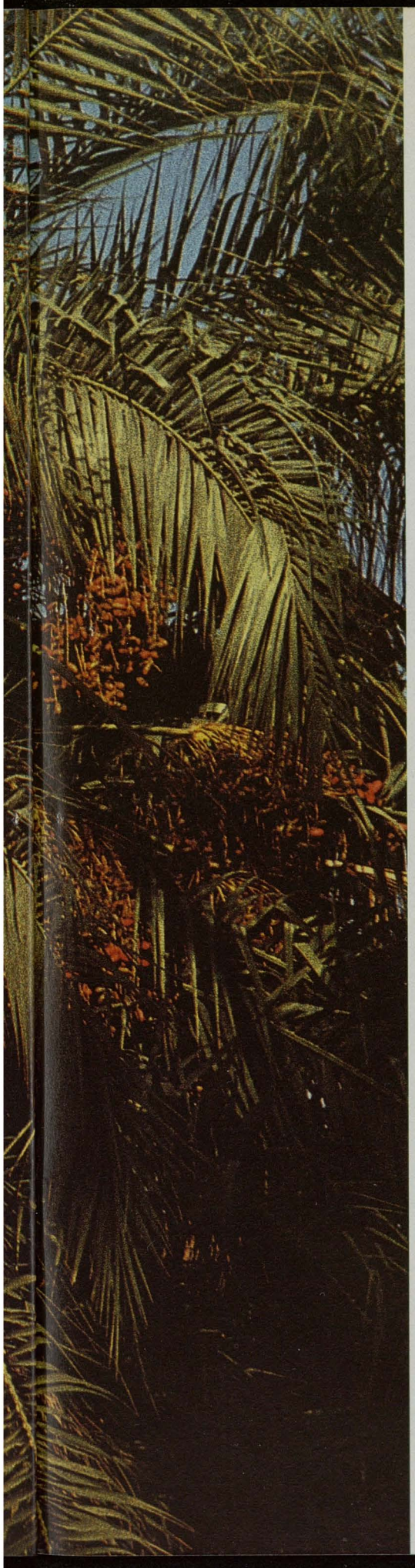
***À esquerda, acima*: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens." (Mateus 4:19)**

***No alto*: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida." (João 8:12)**

***No centro*: "Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?" (Lucas 15:4)**

***À direita*: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mateus 18:3)**





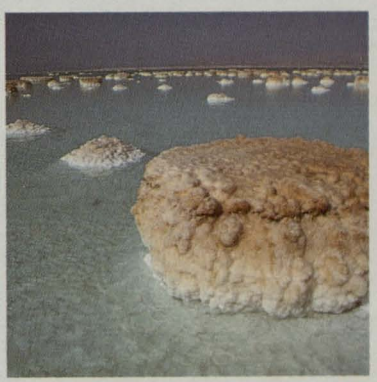
À esquerda e à direita: "Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se (. . .) figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus." (Mateus 7:16–17)



À direita, no alto: "Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. E os que ouviram isto disseram: Logo, quem pode salvar-se? Mas ele respondeu: As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus." (Lucas 18:25–27)



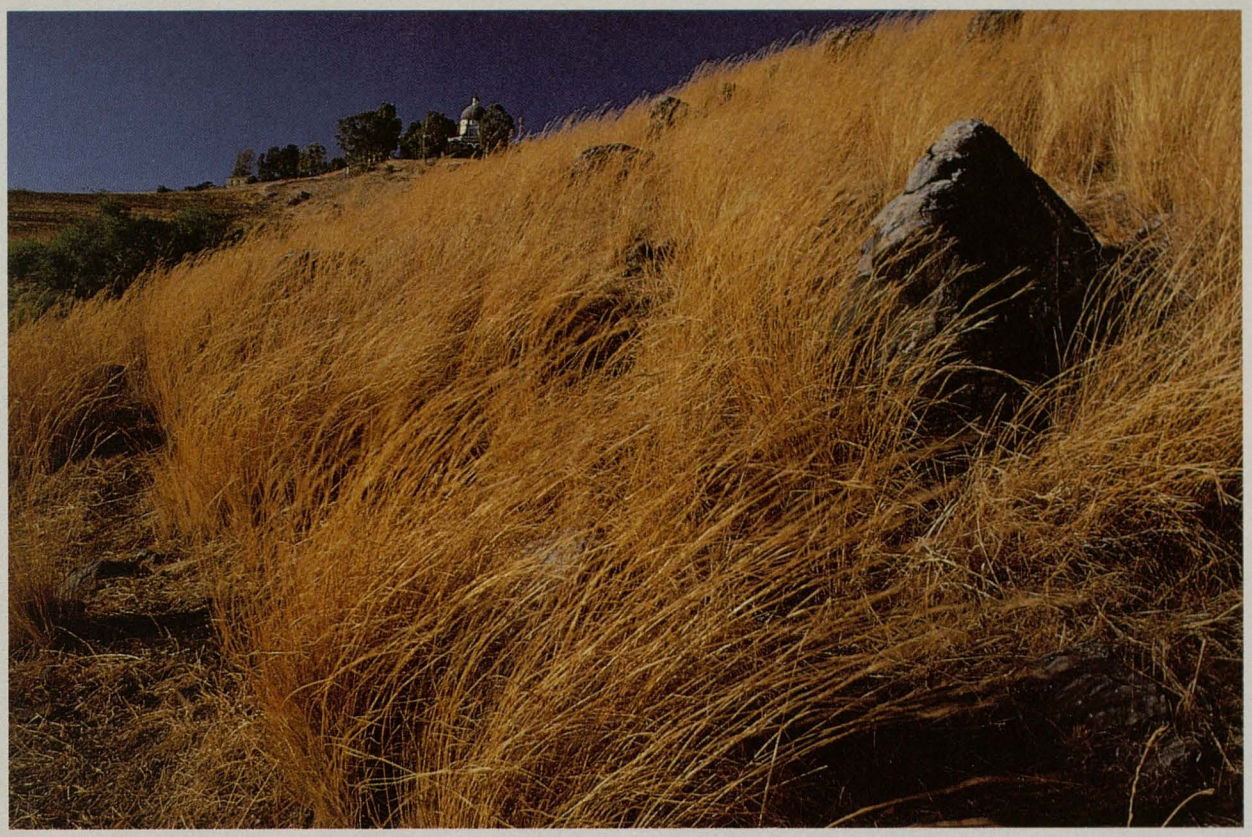
À direita, no centro: "Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta." (Mateus 5:13)



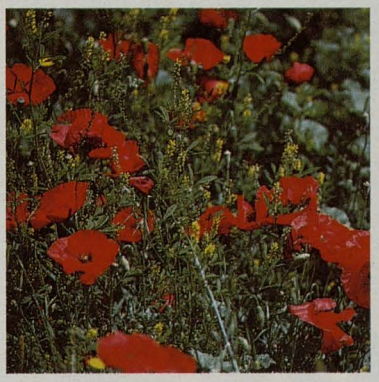
À direita, embaixo: "E, vendo a multidão, [Jesus] teve grande compaixão deles (. . .). Então disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai pois ao Senhor da seara para que mande ceifeiros para a sua seara." (Mateus 9:36–38)











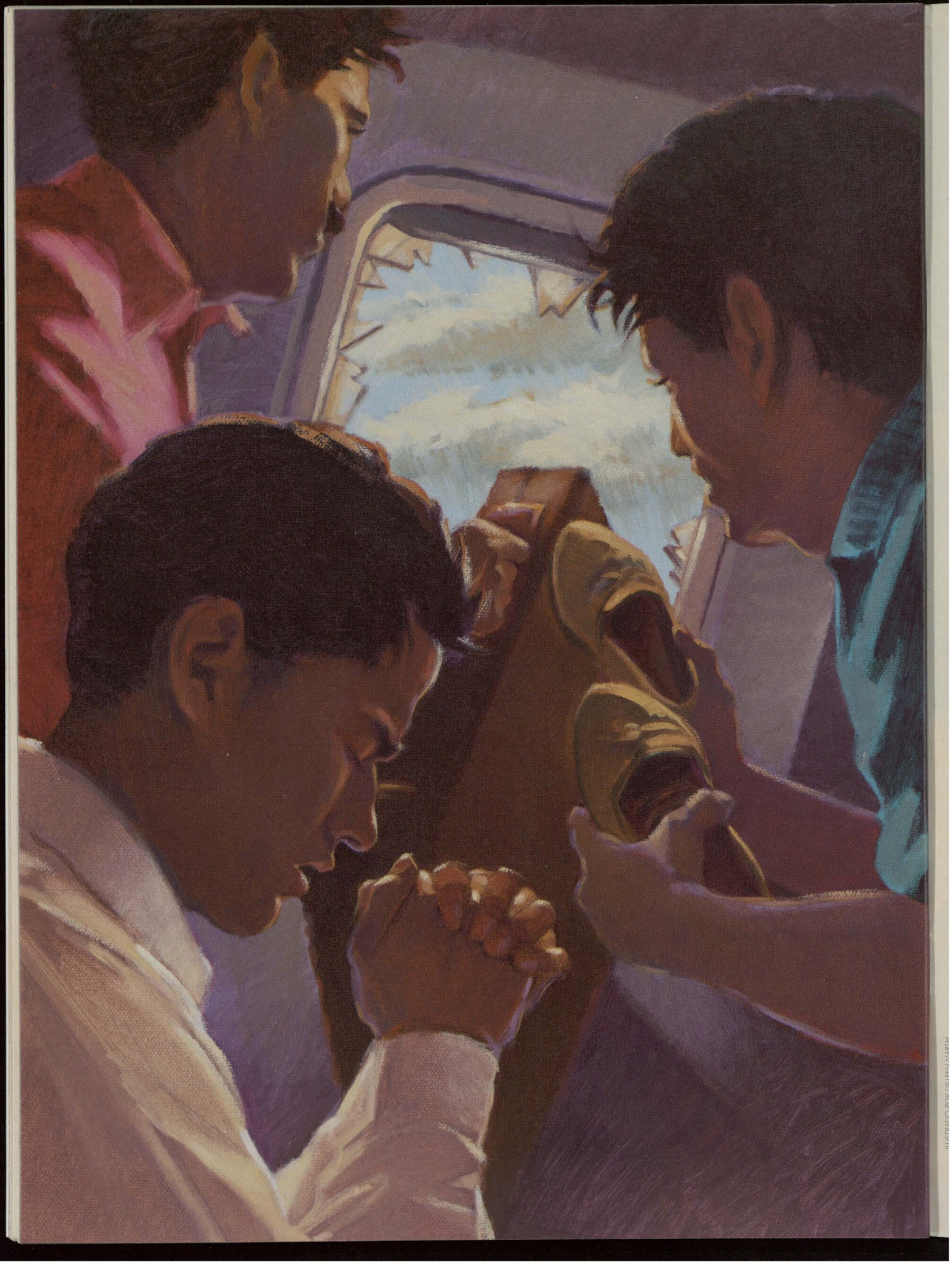


***À esquerda*: "O que foi semeado em boa terra (. . .) dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta." (Mateus 13:23)**

***Acima, à esquerda*: "Ai de vós (. . .) hipócritas! pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos." (Mateus 23:27)**

***No centro*: "Considerai os lírios, como eles crescem (. . .). Se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?" (Lucas 12:27–28)**

***À direita*: "Pois qual de vós querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? (. . .) Assim , pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo." (Lucas 14:28,33)**



Incidente na Ilha Robinson Crusoé

Patricia Covarrubias Solar

Minha casa fica na Ilha Robinson Crusoé, uma pequenina ilhá localizada no Oceano Pacífico a cerca de 675 quilômetros a oeste do Chile. Recebeu este nome devido a um romance do século XVIII, em que um marinheiro torna-se náufrago em uma ilha desconhecida durante muitos anos. Na vida real, a ilha é o lar de aproximadamente 500 pessoas. Nessa pequena ilha no Pacífico temos um ramo de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com mais ou menos 60 membros e dois missionários de tempo integral.

Para se chegar à ilha é necessário um vôo de três horas ou uma viagem marítima, de dois dias ou mais. Embora a ilha e o mar sejam ricos em recursos naturais, os moradores dependem dos barcos para receberem alimentos. Muitos também passaram a depender do Senhor. As experiências ensinaram-nos que Ele ama Seus filhos e responde nossas orações.

Tivemos uma dessas experiências quando meu irmão mais velho, Adrian, precisou submeter-se a uma intervenção cirúrgica. As instalações médicas da ilha são limitadas, e seria necessário deixar a esposa e os filhos e ir até o continente. Ele era contrário à viagem, pois temia que o avião sofresse algum tipo de pane, mas não tinha escolha: precisava ir. A bordo estavam o piloto e dois repórteres de televisão.

Ao ouvir o avião no céu, voltei meus pensamentos para meu irmão: *Não tenha medo, Adrian. O Pai Celestial cuidará de você.* Apesar disso senti-me inspirada a ir a meu quarto e orar pedindo Sua proteção.

Ainda estava ajoelhada quando meu marido entrou. "Não sei como contar-lhe isto", começou.

"Contar-me o quê?"

"O avião de Adrian caiu no mar. Não sabemos se há sobreviventes."

Felizmente, os quatro homens sobreviveram. Foram resgatados por um barco de pesca e logo estavam sãos e salvos na ilha. Toda a população os aguardava ao chegarem ao cais. Aplaudimos com alívio e alegria e derramamos muitas lágrimas de gratidão.

No dia seguinte os repórteres foram ao escritório onde eu trabalhava e deram-me sua versão do ocorrido. Quando o avião começou a cair, o piloto mandou que quebrassem as janelas e jogassem fora tudo o que pudessem. Malas, cameras, sapatos—sacrificaram tudo para ajudar o avião a flutuar o máximo possível após a queda. O piloto deu-lhes as instruções finais e eles colocaram o cinto de segurança.

Foi então que Adrian começou a orar em voz alta. Ele disse ao Senhor que todos eles ainda tinham muito por que viver. Eram chefes de família e tinham filhos pequenos. Implorou por outra chance.

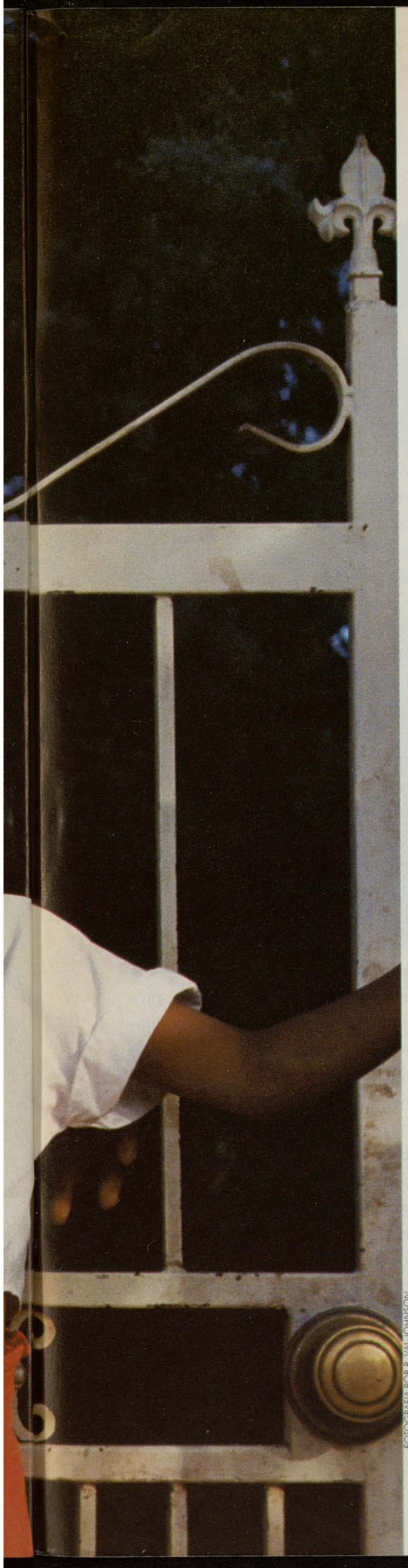
Quando acabou de orar, começou a cantar um de nossos hinos: "Jesus, minha luz, eu não temerei (. . .)." (*Hinos,* 1991, nº 44). Os repórteres disseram que, sem conhecer o hino, começaram a cantar com ele. A música e a oração deram-lhes a esperança de que poderiam ser salvos.

Poucos segundos após o impacto, o avião afundou. Aqueles poucos segundos, porém, foram o bastante. Eles abriram a porta e inflaram a balsa. Depois que o pesqueiro os recolheu, alguém notou uma mala flutuando. Era a de Adrian. Dentro dela encontrava-se o dízimo de nosso ramo que seria entregue aos líderes da Igreja no continente. Além dos quatro homens, a mala foi a única coisa recuperada.

Embora vivamos em um dos locais mais remotos da Terra, sabemos que nosso Pai Celeste preocupa-se conosco. Sentimos Sua mão onipotente e Ele responde nossas orações. □

ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH





FOTOGRAFIA POR R. VAL JOHNSON

JÚLIA MAVIMBELA

Dale LeBaron

Júlia Mavimbela, de Soweto, na África do Sul, é uma zulu de imponente estatura. Suas mãos calejadas demonstram os anos de trabalho passados a serviço de outros. Seu rosto demonstra a paz e a beleza que ela tem cultivado a maior parte da vida. Ela conseguiu muito em seus 77 anos de vida, e seus sucessos trouxeram-lhe reconhecimento internacional.

No entanto, como em todas as histórias reais, a sua também é cheia de lutas. A pobreza, os preconceitos e a morte de entes queridos trouxeram-lhe muitos sofrimentos. As aflições ajudaram-na a refinar sua serenidade e levaram-na a uma descoberta fantástica: o evangelho de Jesus Cristo.

RELAÇÕES DE AMOR

Júlia Nompi Nqubeni nasceu em 20 de dezembro de 1917, a mais nova de cinco filhos. Seu pai, que era professor, morreu quando ela estava com quatro anos. A mãe vivia com dificuldades, trabalhando como professora e lavadeira. A despeito da pobreza e de outros obstáculos importantes, Júlia educou-se e iniciou sua carreira no magistério. Ela veio a ser uma das primeiras negras na África do Sul a tornar-se diretora de uma escola.

Seu casamento com John Mavimbela foi feliz e deu a ambos oportunidades de crescimento pessoal. "Sentimos que, se trabalhássemos em conjunto, progrediríamos", diz ela. "Foi assim que abandonei o magistério e dediquei-me a ajudar meu marido a dirigir um pequeno açougue e mercearia. Meu marido não era um tipo comum; iguais a ele só se encontra um em cem. Ele pagava-me um salário e o dinheiro era realmente meu. Quando eu estava com amigos, era ele quem arrumava a cozinha. Quando tínhamos um bebê em casa,

Júlia Mavimbela com uma de suas netas. Júlia ajudou muitos jovens a desenvolverem atitudes e valores cristãos.

ele ajudava-me a lavar as fraldas." Os dois eram muito apaixonados.

John tinha dois filhos de um casamento anterior, de modo que Júlia desenvolveu um relacionamento amistoso com a primeira esposa de John e criou os dois filhos como se fossem seus. Seu primeiro filho morreu ao nascer, mas ela veio a ter seis outros.

Em 1955, quando Júlia estava grávida de dois meses de seu último filho, o marido morreu tragicamente em um acidente automobilístico. Ele fazia uma viagem de negócios, levando uma grande soma em dinheiro, quando um motorista branco, bêbado, bateu de frente em seu carro. Após a polícia ter investigado o acidente, Júlia pediu-lhes os pertences do marido. A polícia entregou-lhe apenas uma pequena parte do dinheiro que, sabia ela, ele tinha consigo e concluiu que a culpa do acidente era dele, apesar de o outro motorista estar na contramão. Júlia ficou muito amargurada.

Algum tempo depois, Júlia encontrou alento nas escrituras. "Fui tocada pelo que o Senhor disse: ' (. . .) Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.' Comecei a sentir que não devia atirar pedras e que deveria perdoar. Mas eu ainda não fazia parte de uma igreja que me ajudasse a perdoar realmente."

UMA VIDA DE TRABALHO

Desde 1945 Júlia tem prestado serviço comunitário. Muito antes de ter ouvido falar das reuniões de economia doméstica da Igreja, ela fundou uma associação feminina que encorajava as mulheres a ensinarem aptidões domésticas umas às outras. Mais tarde, ela fundou outra associação para estimular a poupança. Após a morte do marido, começou a concentrar ainda mais suas energias na ajuda ao próximo.

Algumas de suas maiores contribuições comunitárias tiveram início em 1976, quando começaram os conflitos raciais em Soweto. Era uma época perigosa para envolver-se em projetos comunitários, mas Júlia preocupava-se com o ódio manifestado pelos jovens. "Sabia o que era sentir-se isolado devido a sua própria confusão. Foi assim que iniciei um projeto em Soweto com o fim de conseguir que os jovens fizessem algo e tentassem encontrar um significado no que faziam."

Seu projeto consistia em fazer com que os jovens trabalhassem no cultivo orgânico de alimentos—uma paixão que ela havia adquirido dez anos antes, ao utilizar a alimentação natural para ajudar sua filha a curar-se de um doença cardíaca congênita. Como a maior parte das famílias não tinha o suficiente nem mesmo para uma pequena horta, ela conseguiu uma área de terra infestada de ratos e começaram a limpá-la. "Ao veremnos lutar com as ervas daninhas que insistiam em crescer, as pessoas acabaram por envolver-se", conta Júlia. "Íamos a todas as partes de Soweto, substituindo o inútil e feio pelo proveitoso e belo."

Uma parte da beleza plantada por Júlia estava no coração dos jovens. Enquanto plantávamos, dizia a eles: 'Vejam, rapazes e moças, olhem a terra aqui; está dura e ressecada. Se cavarmos com a enxada e o ancinho, conseguiremos quebrá-la e retirar placas de terra. Se desmancharmos essas placas de terra e plantarmos uma semente, ela germinará!'

"Essa é minha mensagem aos jovens. Eles devem guardá-la em seu coração. Vamos cavar a terra da amargura, jogar uma semente, mostrar amor e ver que frutos brotarão. O amor não vem sem o perdão. Onde havia uma mancha de sangue, deve crescer uma flor." Seus esforços ajudaram a reparar não só os danos físicos causados pelas revoltas, mas também os danos morais.

No mesmo ano dessas terríveis revoltas, Júlia começou a trabalhar com grupos de mulheres. Sentindo a necessidade urgente da união de todas as raças para a solução de problemas presentes e futuros, ela ajudou a fundar a organização Mulheres pela Paz, dedicada a proteger seu povo e ajudar seu país a evitar uma guerra civil. Júlia trabalha atualmente no comitê executivo nacional da entidade e foi eleita diversas vezes presidente do Conselho Nacional de Mulheres Africanas.

Júlia serve freqüentemente de elemento de ligação entre sua comunidade e o governo da África do Sul no que se refere à defesa dos direitos de seu próximo. Recentemente, ela preocupou-se com os aposentados que já não recebiam sua aposentadoria havia diversos meses.



FOTOGRAFIA POR C. I. REX VAN COLLER

Júlia recebe uma doação de ferramentas para seus jardins comunitários do Élder J. Richard Clarke, *à esquerda*, presidente da Área Africana da Igreja e do Bispo Presidente Merrill J. Bateman.

Levantando o assunto num programa de rádio para o qual havia sido convidada, Júlia conseguiu apoio comunitário e fez com que o problema chegasse ao conhecimento do novo governo.

Outro trabalho que muito a entusiasma é o de alfabetização. Há mais de uma década, Júlia, que é fluente em sete línguas, trabalha para estabelecer mais de 780 seções de uma organização dedicada a eliminar o analfabetismo entre as mulheres da África do Sul.

UM LUGAR DE PAZ E BELEZA

Júlia é um expoente de eloqüência nas causas que abraça. Mas apesar de todos os seus empreendimentos e associações, nada significou tanto para ela quanto ter encontrado dois missionários em outubro de 1981.

Um dia Júlia foi solicitada a ajudar no conserto de uma biblioteca destruída num dos conflitos de Soweto. Sua primeira reação foi recusar. *O quê?*, perguntou-se ela. *Será que pensam que sou a Cinderela? Se reconstruirmos a biblioteca, vão incendiá-la novamente.* Mas enquanto pensava no pedido, seu coração ia amolecendo. Ela foi ao local ver o que podia fazer para ajudar. Quando chegou, ficou intrigada ao ver dois rapazes brancos trabalhando em

meio à poeira e ao calor. Era raro verem-se brancos em Soweto, mas vê-los fazer trabalho braçal para os negros era pura fantasia. Curiosa, Júlia aproximou-se. Eles identificaram-se como missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e convidaram-na a ouvir sua mensagem.

Aceitar o convite não era fácil. Sua casa estava bastante desarrumada; mas ainda, mais do que isso, seria muito perigoso receber brancos em sua casa. Poderia causar problemas para eles bem como para a família que os recebia. "Mas algo me fez ceder", diz Júlia, "e não consegui recusar. Pedi-lhes três dias para tirar as teias de aranha."

Em seu primeiro encontro, ela foi gentil mas não se deixou impressionar. Na segunda visita, entretanto, eles viram um retrato do casamento de Júlia e perguntaram-lhe a respeito do marido. Quando ela lhes disse que ele havia falecido, os missionários explicaram-lhe que se poderia fazer o batismo dele. Naquele momento, "algo despertou em minha mente", lembra-se Júlia. "'Fazer o batismo por ele?' perguntei. 'Como isso é possível?'" Eles explicaram como se procederia.

"Disse-lhes: Sabem, élderes, vocês me impressionaram. Sou uma negra e não nos é permitido falar dos mortos em outras igrejas. Aí vocês chegam e falam-me de meus mortos. Sua mensagem é diferente. Voltem.' As palavras deles haviam chegado a um lugar muito delicado em meu coração."

"Eles voltaram e escutei sua mensagem. Disse a mim mesma que não poderia haver uma igreja melhor e mais verdadeira, pois sempre senti muito amor por meus pais. Nunca pude compreender por que razão ensinaram-me a esquecê-los e não mais mencioná-los. Acho que se tinha medo de que as pessoas voltassem a adorar seus ancestrais.

Fiquei também muito impressionada com a Primeira Visão do Profeta Joseph Smith e como ele falou diretamente com Deus. A leitura do Livro de Mórmon mudou minha vida inteiramente. Foi o que realmente me colocou de joelhos. Comecei a perceber que éramos, na realidade, uma só família."

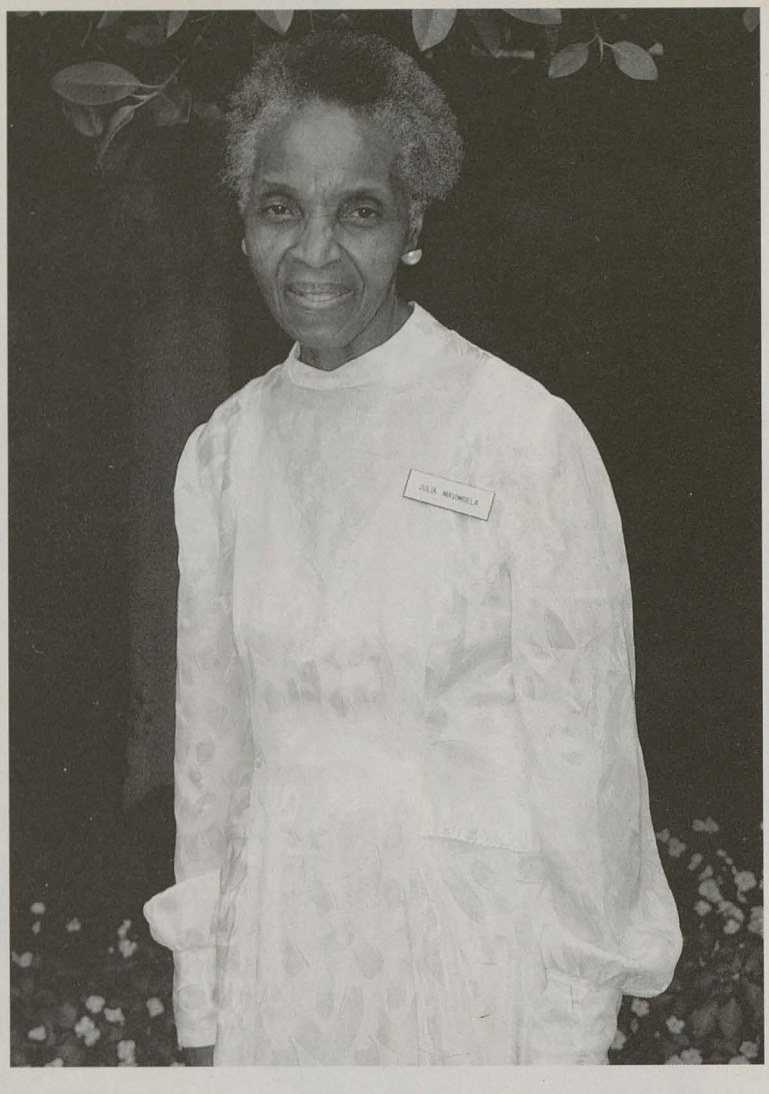
Júlia foi batizada em 28 de novembro de 1981, menos de dois meses depois de conhecer os missionários. Diz ela a respeito de seu batismo: "Quando a porta se abriu e entrei nas águas do batismo, senti o poder purificador. Senti a alegria verdadeira."

Desde sua conversão, ela tem sido ativa como membro-missionário, encorajando os vizinhos a irem à



Júlia Mavimbela, *à direita*, conversa com Dolly Henrietta Ndhlovu, enfermeira aposentada e sua amiga. Ambas são membros do Ramo de Soweto e ajudam as crianças da comunidade.





FOTOGRAFIA DE R. VAL JOHNSON

A vida de Júlia, dedicada ao trabalho, estende-se ao templo de Johannesburgo, na África do Sul, onde ela recebeu sua investidura em 1985 e onde trabalha agora todos os sábados.

igreja com ela e distribuindo exemplares do Livro de Mórmon a líderes governamentais. Duas das filhas de Júlia e vários netos tornaram-se membros da Igreja.

Uma das principais ferramentas missionárias de Júlia é a jardinagem. Ela utiliza seu amor pela terra para expor o próximo ao amor do Senhor. Há pouco tempo, ela ajudou uma avó sem aposentadoria, que estava tentando criar os netos. Um dos rapazes havia terminado os estudos e, sem conseguir emprego, estava envolvendo-se em problemas. Júlia doou algumas sementes de legumes à família e ensinou-lhes a plantar, capinar e tratar da horta. Enquanto os legumes e verduras cresciam e fortaleciam-se, o mesmo acontecia com os relacionamentos familiares. Atualmente, uma das moças está freqüentando a reunião sacramental, onde descobre os frutos abundantes do evangelho.

Júlia já foi presidente da Sociedade de Socorro do ramo e da estaca, já foi professora do curso de Doutrina do Evangelho e, atualmente, é diretora de Assuntos Públicos da Igreja em Soweto. Ela é também ativa nos programas para os jovens em seu ramo. Mas os momentos mais gratificantes de sua vida são aqueles em que trabalha na casa do Senhor, aos sábados pela manhã.

Em setembro de 1985, Júlia recebeu a investidura no templo de Johannesburgo, na África do Sul. "Ao entrar no templo pela primeira vez", lembra-se ela, "senti-me em casa. Antes de pertencer à Igreja, quando lia a palavra *Israel*, colocava o livro de lado e dizia: 'Isso é para os brancos. Não é para nós. Não somos os escolhidos.' Hoje, sei que pertenço a uma família real, se viver em retidão. Sou uma israelita. Ao fazer as ordenanças no templo, tive o sentimento de que estamos todos na Terra em unidade.

Ser selada a meu marido e meus pais foi uma das experiências mais comoventes de minha vida. Sinto a gratidão de meus pais por ter feito o trabalho do templo por eles. O Espírito Santo testificou-me isso."

Júlia continua trabalhando no templo com a maior freqüência possível. Dentro daquelas paredes ela encontra, em abundância, a paz, o amor, a beleza e a unidade de espírito que cultivou em diversos locais da vinha do Senhor durante toda sua vida. □

Algumas das informações para esse artigo foram fornecidas por Giles H. Florence Jr., R. Val Johnson e C. I. Rex Van Coller.



Cristo Chama Pedro e André, de Harry Anderson

Ao caminhar pelo Mar da Galiléia no início de seu ministério mortal, Jesus "viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores; e disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no." (Mateus 4:18–20)



Júlia Mavimbela de Soweto, África do Sul, é uma zulu cuja vida de dedicação à paz e à beleza granjeou-lhe a atenção internacional. Em seus 77 anos de idade já experimentou pobreza, tragédia e pesar— e a alegria de descobrir o evangelho de Jesus Cristo. Ver "Júlia Mavimbela", página 42.



95983059